SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

AVENÇA

ANO XXXII

MARÇO / ABRIL DE 1976

N.os 369/370

Avulso Esc. 10$00

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

CONFERÊNCIA DE DIRIGENTES

Em Julho, reúne-se esta Conferência

Conforme já noticiámos na nossa última edição, a Direcção da AEP convocou, nos termos do disposto do art. 15.º dos Estatutos da Associação, a Conferência de Dirigentes, a qual se reunirá em Lisboa, em local a determinar, a partir do dia 3 de Julho p. f.

Em Boletim Oficial que acaba de ser publicado, a Direcção da AEP fornece ainda os seguintes esclarecimentos:

a) **Têm o direito de participar na Conferência, além dos representantes dos Grupos, os seus dirigentes e os dos demais organismos associativos. Uns e outros são convidados a comunicar até 20 de Abril de 1976 quais os assuntos que, observado o art. 14.º dos Estatutos, pretendem nela tratar (Cf. a propósito o n.º 3.º do § 6.º do art. 27.º do Regulamento Geral);**

b) **A Direcção, na sequência da decisão da Conferência realizada em 1974, levará à sessão de Julho de 1976 o projecto dos novos estatutos;**

c) **O direito de voto é definido no § 2.º do art. 27.º do Regulamento Geral. A indicação de quem o exprimirá será objecto de declaração firmada pelos membros da representação do Grupo, no caso de constituída por mais de uma pessoa.**

d) **A qualidade de dirigente do Grupo é baseada no mapa de recenseamento geral referido a 31 de Dezembro de 1975 e, eventualmente, de comunicação de alteração ulterior.**

e) **Sugere-se que, com propósitos pedagógicos e de permanente rejuvenescimento de estruturas, os Grupos que o puderem fazer integrem nas respectivas representações pelo menos um dos seus Escoteiros.**

Vândalos assaltaram o Parque de Escotismo da Caparica

Quando no sábado, dia 20 de Março último, o dirigente José Relvas compareceu no Parque de Escotismo da Caparica para tomar a

Continua na pág. 3

O ESCOTISMO ANTES DE BROWNSEA

Quando Baden-Powell, na companhia dos seus colaboradores e daquelas duas dezenas de rapazes, partiu um dia para a Ilha de Brownsea, não previu, com certeza, que se iam tornar os protagonistas de um dos momentos cruciais desse movimento que, ao tomar forma e ganhar justificado prestígio, acabaria por se estender a todo o mundo, atrair milhões de rapazes, transformando-se, assim, num dos mais famosos métodos educativos da nossa era. De facto, o triunfo do Escotismo fez com que uma actividade, de certo modo apagada, viesse a ganhar foros de uma das efemérides de maior relevância deste movimento mundial. Tivesse alguém suspeitado da evolução que esse evento havia de tomar, e não faltariam, por certo, legiões de repórteres para lhes fixar as imagens mais salientes, que hoje seriam de valor incalculável.

É este mesmo pensamento que Lorde Rowallan exprime no prefácio de um livro há três décadas publicado em Inglaterra, da autoria de um dos mais íntimos colaboradores de B.-P., *sir* Percy Everett, um dos homens de Brownsea. No prefácio deste volume, que é intitulado «Os Primeiros Dez Anos» e em que se historiam os primórdios e o florescimento do Escotismo, diz Rowallan: «*É sempre interessante conhecer como nasceu uma ideia; e quando essa ideia se expandiu através do mundo, tal como o Escotismo, os seus primeiros dias assumem uma importância histórica*».



São, por esse motivo, de valor inestimável, e tanto mais quanto é restrito o número dos que existem, os relatos que chegaram até hoje, feitos por quem pôde tomar parte nesse sucesso que teve a Ilha de Brownsea por palco, privilégio de que Everett foi um dos fruidores.

A amizade entre este valoroso dirigente escotista e B.-P. remonta a 1906, quando ambos se encontraram, como convidados de *sir* Arthur Pearson, num *party* de fim-de-semana, realizado numa das suas propriedades no Surrey. Everett explica assim o motivo da sua própria presença:

«*Eu fora ali, em parte como amigo da família, em parte porque estava há vários anos associado ao sector da actividade editorial de* sir *Arthur Pearson*».

Porém, com respeito à ida de B.-P. àquela casa, Everett refere:

«*O Chefe estava ali porque Pearson gostava de convidar para as suas festas de fim-de-semana homens em evidência na vida social no mundo. Nesse tempo, Pearson ocupava importante posição na arena política. Era o conselheiro da confiança de Joseph Chamberlain, que então defendia com denodo a importância vital da reforma das pautas aduaneiras.*

Continua na pág. 8



João Marques

Em 2 de Fevereiro passado, com a idade de 57 anos, faleceu o antigo escoteiro sr. João Marques, que foi dos primeiros membros do Grupo 94, onde era muito estimado pelos companheiros. Era assinante dedicado de *Sempre Pronto* desde o seu primeiro número.

O extinto deixa viúva a sr.ª D. Filomena Santos Ferreira da Conceição, a quem *Sempre Pronto* apresenta condolências muito sentidas.

Eduardo Guião Quintino Pinheiro

No dia 24 de Fevereiro p. p., faleceu o nosso estimado companheiro Eduardo Guião Quintino Pinheiro, de 61 anos de idade.

Grande amigo deste jornal, ao qual por várias vezes deu prestimosa colaboração, Quintino Pinheiro era dedicado escoteiro, movimento a que se dera de alma e coração, desde que, em meados da década de 30, prestara compromisso de honra numa secção do Grupo 2 que funcionou na Liga dos Melhoramentos e Recreios de Algés, donde passaria para o Grupo 19, que o Sport Algés e Dafundo acolheria, tempos depois, nas suas instalações. Mais tarde ainda, ingressaria no Grupo 2, ao qual ele se sentia mais ligado e onde desempenhou os cargos de guia de patrulha e de secção e de chefe de divisão. Quando, na Escola de Ferreira Borges, foi fundado o Grupo 104, que teve vida efémera, foi Quintino o seu escoteiro-chefe.

Voltaria depois ao Grupo 2, que chefiaria, abandonando-o quando as imposições da sua vida profissional a isso o obrigaram, pois Quintino Pinheiro era reputado técnico de máquinas de escrever e de calcular.

Em 1958, foi eleito vice-presidente da direcção da Fraternal, mas passou a ser o seu verdadeiro timoneiro, isto porque o presidente, o saudoso Dr. Tovar de Lemos, já não podia oferecer o seu concurso, por causa do mal que o havia de vitimar. Sob o comando de Quintino Pinheiro, com os seus assomos de energia e de entusiasmo, a Fraternal conheceu o período de maior actividade, com belas iniciativas que hoje constituem boas recordações daqueles que nelas participaram.

Após vários anos no desempenho deste cargo, este nosso amigo passaria pelo lugar de escoteiro-chefe regional, onde permaneceria cerca de um ano.

Afastado do escotismo activo, Quintino Pinheiro continuava, todavia, a dedicar-lhe todo o interesse. O seu carácter buliçoso e tocado por uma franqueza por vezes rude, criava-lhe situações de incompatibilidade. A pouco e pouco, foi impondo a si próprio um afastamento do escotismo activo, embora nunca desmentisse os ideais de fraternidade e camaradagem que o ligavam ao movimento.

Por fim, foi a saúde que começou a atraiçoá-lo. Ainda o veríamos, contudo, como dirigente do Serviço de Material e Uniformes, posto que abandonou pouco depois. Seria o último serviço que prestou ao movimento escotista.

Quintino Pinheiro deixa viúva a sr.ª D. Virgínia Castilho Sargedas Quintino Pinheiro e era pai da sr.ª D. Isabel Maria Quintino Pinheiro de Abreu, às quais expressamos todo o nosso sentir pelo infausto acontecimento.

David José Alves Baudouin

Mais um dedicado e antigo dirigente acaba de perder o nosso movimento, com a morte, em 5 de Abril último, do estimado companheiro David Baudouin, que contava 73 anos de idade.

David Baudouin entrou para o nosso movimento por volta do ano de 1920, ao ingressar nas fileiras do Grupo 1. Já em 1922 o vemos no I Campo-Escola de Chefes, que se realizou na Escola Normal, de Benfica, dirigido pela mão sabedora do Dr. Tovar de Lemos, onde o nosso amigo, agora extinto, alcançou o diploma de chefe.

Pertenceu também ao Grupo 2. Mais tarde, seria o escoteiro-chefe do Grupo 53, de que era fundador. Igual cargo ocupou nos Grupos 94 e 93.

David Baudouin ingressaria depois nos Serviços Centrais da AEP, onde o veríamos, primeiramente, desempenhar o cargo de escoteiro-chefe geral adjunto e, a seguir, o de secretário-geral, lugar que trocaria, tempos depois, pelo de secretário-geral adjunto.

Afastado da vida activa do nosso movimento, David Baudouin não revelava, contudo, menor apreço pelo escotismo. Lembramo-nos de o ver, por exemplo, a tomar parte, cheio de entusiasmo, nas comemorações dos 50 anos do Grupo 1. Foram ainda inúmeras as vezes que notámos a sua presença, em organizações da Fraternal e noutras actividades ligadas ao escotismo.

O sr. David Baudouin era casado com a sr.ª D. Maria José de Oliveira Santos Baudouin e pai das sr.as D. Maria Raquel Baudouin Gomes, casada com o sr. Armando Gomes, D. Maria Eufémia Baudouin Moreira Rijo, casada com o sr. João Carlos Moreira Rijo, e D. Maria Dulce Baudouin Montes Pereira, casada com o sr. António Montes Pereira, e do antigo escoteiro do Grupo 53, o nosso estimado assinante sr. José Rafael Baudouin, casado com a sr.ª D. Maria do Carmo Baudouin.

À família enlutada, *Sempre Pronto* apresenta votos de muito pesar.

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Muitos dos nossos estimados assinantes têm continuado a colaborar com a Administração de «Sempre Pronto» remetendo-nos o valor de suas assinaturas. Creiam estes Amigos que nos confessamos muito agradecidos pela ajuda que nos prestam:

São estes os colaboradores:

Patrocinadores: Cristiano Augusto Xavier, Vila Real de Santo António; Prof. António Álvaro Dória, Braga; Dr. Fernando Meira Ramos, Porto; José Ferreira Fernandes, Vila das Aves; Dr. Eugénio H. Ramos, Pedro Maria Lopes, João Patrício de Melo, Manuel Lopes Peixoto, Amílcar S. Fernandes, António F. Xavier de Brito, Albano da Silva, Manuel Pinto Sant'Ana, António Vaz Sabino, todos de Lisboa; Eduardo Alberto Alves da Silva, de Luanda; José D. Camacho, em Lisboa, mas do Funchal (300$00), e também 1 000$00 de um assinante que deseja incógnito o seu nome; António A. da Silva e Cunha, de Sintra.

Outros assinantes: Comissário Domenico Ferraro, Itália; Vítor Manuel Fernandes, Coimbra; Hernâni Gomes da Costa, Lisboa; Fernando Gomes, S. Mamede de Infesta; António José C. Loureiro, Gaia; D. Maria do Carmo Martins, de Lisboa; Carlos Campos, da Trofa; Júlio de Almeida Nogueira, João Constantino, Mário Fernandes, Wolf Karl, Luís António dos Santos, José Manuel de Melo, Eduardo Xavier, João Cabral, D. Florentina Mamede e João Mamede, todos de Lisboa; Manuel da Silva Leite, António Manuel Guia Torres e Grupo n.º 26-AEP, da Póvoa de Varzim; VII Agrupamento do CNE, Ermesinde.

Os Escoteiros de Portugal repensam os princípios

O Eng.º J. M. Nobre Santos manifesta o seu desacordo com as alterações propostas

Em carta dirigida a este jornal, o activo dirigente associativo expressa o seu desacordo com as propostas de alteração aos Princípios Fundamentais do Escotismo.

Ao «Sempre Pronto»

Li com apreço o artigo, publicado no n.º de Nov./Dez. 75, do nosso jornal, intitulado OS ESCOTEIROS DE PORTUGAL REPENSAM OS PRINCÍPIOS.

Dirijo estas poucas linhas para expressar opiniões muito idênticas às apresentadas nesse artigo e dizer quanto sinto as mesmas apreensões quanto às alterações referidas e o modo como elas têm sido apresentadas, bem como têm sido postas em execução, algumas delas, sem um mínimo de audição generalizada que deveria anteceder essa decisão.

Mudaram-se, ou quis-se mudar, aspectos relacionados com os Princípios Fundamentais do Escotismo, que até o não podem ser senão depois de ouvir o Secretariado Mundial e a própria Conferência Mundial de Escotismo.

Modificaram-se as designações, as orgânicas e os ideários das estruturas da AEP por formas que implicam, até, com aspectos formativos dos jovens, sem que tivesse havido uma ampla discussão desses aspectos. Daí adveio que alguns esquemas e programas de avanço escotista dos rapazes, tivessem sofrido impasses e modificações que, julgamos, têm dificultado um apropriado e coordenado processamento desse avanço; haverá uns que concordam e que se adaptaram, ainda que mal, às novas disposições, enquanto outros não as adoptaram, resultando daí uma maior desordem nas coisas associativas, o que, numa organização educativa, assume aspectos pouco recomendáveis. Isto para não falar nos inconvenientes financeiros em que se traduzem tais acções ao exigirem pôr de parte um certo número de elementos, livros, folhetos, etc. que existem.

E essas mudancas atingiram não só o sector dos escoteiros como o dos próprios dirigentes e o seu esquema de formação.

Só muito rapidamente referirei, concretizando, alguns dos pontos: modificações na LEI e no COMPROMISSO, alterações nos fundamentos e estruturas religiosas da AEP, modificações nos programas e bases educativas dos Lobitos, Escoteiros e Caminheiros, para citar só os mais significativos.

Nos aspectos religiosos, quis-se, ou quer-se, que a AEP deixe de ser uma associação escotista interconfessional — associação aberta e contendo, em si mesma, todas as religiões que os seus componentes desejem, até os ditos arreligiosos — para passar a ser uma associação que, dentro da sua própria orgânica, passe a ser arreligiosa ou neutra, com uns certos laivos de ateísmo. Isto vai contra a ideia básica do Escotismo expressa pelo próprio Fundador e aceite,ao longo dos anos, pelas Conferências Mundiais do Escotismo, uma vez que se considera a formação religiosa, no seu mais lato sentido, como indispensável a uma saudável formação integral da personalidade do jovem. E, neste, aspecto, quase poderíamos dizer que certos ateus fazem dessa sua atitude como que uma religião.

É verdade que foram constituídas algumas Comissões ou Grupos de trabalho e a própria Direcção-Central emitiu algumas circulares pedindo sugestões, mas anunciando a entrada em execução, em determinada data, se não aparecessem opiniões contrárias. Julga-se que o sistema não é dos mais apropriados, principalmente quando se trata de assuntos de carácter fundamental. E, porque assim se encaminharam os assuntos, nasceu a necessidade de apresentarmos as nossas opiniões. Por isso, aqui estou a juntar as minhas palavras às dos outros e às que o «SP» apresentou no artigo referido, ao mesmo tempo que não quero deixar de pôr em relevo a meritória acção que, mais uma vez, o «SP» desenvolve em prol do Escotismo.

Com um abraço amigo.

Sempre Pronto a Servir.

José M. Santos

Vândalos assaltaram o Parque de Escotismo da Caparica

Continuação da pág. 1

seu cargo a chefia daquele campo durante o fim-de-semana, deparou-se-lhe um quadro desolador. Vândalos tinham assaltado aquele recinto, arrombado portas, quebrado vidros e passado tudo a «pente fino» em busca de valores ou objectos transaccionáveis.

Não foi inútil a busca, encontraram cerca de quatro mil e quinhentos escudos, e escolheram cinco tendas, dois sacos de dormir, duas mantas, machados e outros utensílios. Estiveram tão à vontade para praticar o nefando roubo, que tiveram tempo para petiscar conservas que encontraram e, até, mudar de roupa, aproveitando peças que ali se encontravam arrecadadas.

O roubo, avaliado em mais de oito mil escudos, foi participado à GNR da Trafaria, enquanto os danos causados nas instalações começaram a ser reparados pela infatigável equipa de serviço.

Escotismo no Brasil

A União dos Escoteiros do Brasil promoveu o I Congresso de Campismo

Em Dezembro último, promovido pela UEB, realizou-se o I Congresso Brasileiro de Campismo, o qual visava esclarecer o público acerca dos cuidados básicos que devem ser tomados quando se acampa e a abordar aspectos relacionados com a preservação do meio ambiente.

Na sessão inicial, um dos oradores lamentou que grande parte dos brasileiros ainda não beneficiasse do campismo, «o meio eficaz que se oferece ao fugitivo do asfalto. Acampar é contacto com a natureza; é fugir da cidade e da poluição; é liberdade e vida ao ar livre. É essa reaproximação com a natureza que faz com que as pessoas sintam a necessidade de protegê-la».

Foram debatidos temas sobre o campismo na preservação do ambiente: o campismo urbano; o campismo como turismo social; o campismo e a orientação educacional; o campismo e a saúde pública; a imprensa no desenvolvimento do campismo.

Simultaneamente, realizou-se uma exposição de material de campismo e equipamentos.

Os Escoteiros de São Paulo tornam mais feliz o Natal das crianças pobres

O grupo de escoteiros Rio Branco e o de bandeirantes Monte Branco, da Região de S. Paulo, propuseram-se oferecer às crianças pobres da região um Natal mais feliz. Para tal, criaram a «oficina do Pai-Natal», que consertou brinquedos oferecidos que não estivessem em boas condições, os quais foram depois distribuídos pelas crianças a que eram destinados.

Mas não foi só desta maneira que se manifestou o espírito de serviço dos escoteiros e guias paulistas. Assim, os caminheiros participaram num curso intensivo de prevenção e combate a incêndios, ministrado pelos bombeiros locais, abrangendo, desde a teoria sobre o uso de extintores e outros aparelhos de combate às chamas, até à prática, no campo de treino da escola, debelando incêndios.

Outro clã tomou parte num treino de primeiros socorros. Outros caminheiros seguiram outro curso, ministrado por membros da Polícia Militar, que consistiu num treino de sobrevivência na selva, realizado numa reserva florestal em Cotia.

Para o ano corrente, estão previstos outros cursos de utilidade pública, como radiocomunicações e trânsito, sempre ministrados por especialistas.

PÁGINA DO ESCOTEIRO



Para ti, irmão escoteiro



A protecção à Natureza é uma forma ideal de praticar o escotismo. Aliás B.-P. pode ser considerado o grande iniciador deste capítulo com que actualmente o Homem se preocupa, dado o escotismo ser uma vivência constante com a natureza.

Oito patrulhas da Região do Centro iniciaram no Parque de Escotismo da Caparica um estudo sobre a protecção à Natureza, do qual esperam obter resultados concretos dentro de alguns meses.

Vós, guias de patrulhas, não deveis ficar à espera de braços cruzados, que os resultados surjam, mas sim contactar com as patrulhas do Projecto-Piloto de Protecção à Natureza ou começar imediatamente as vossas pesquisas.

Nós, topografia, sinalagem, pistas e demais técnicas escotistas, vão ganhar interesse, novas perspectivas, pela sua aplicação imediata nesta tão aliciante actividade.

É necessário que as técnicas não fiquem pelas sedes ou arrumadas teoricamente em cadernetas assinadas pelo chefe.

As técnicas só se conquistam pela prática e as oito patrulhas, optando pela protecção à Natureza, entraram na aplicação constante dos ensinamentos escotistas.

No vosso grupo, na vossa casa, no local onde viveis, começai também a desenvolver este trabalho e não esqueçais de comunicar os resultados às patrulhas do Projecto-Piloto.

Saudações fraternais do
Pata de Lobo

PROTECÇÃO À NATUREZA

Conselho de guias na redacção de «Sempre Pronto»

No passado dia 15 de Fevereiro, os guias e subguias das patrulhas Morcego, Leão, Águia, Cavalo e Castor, dos grupos n.os 8, 93 e 94, reuniram-se na sede deste último, simultaneamente redacção de «Sempre Pronto», para um conselho de guias especialmente dedicado ao assunto de protecção à Natureza a que estas patrulhas estão ligadas.

Foi propositada a escolha da nossa redacção para se efectuar esta reunião, dado que foi através do incitamento lançado neste jornal que estas patrulhas se decidiram a levar a cabo a interessante actividade de protecção à Natureza.

Iniciou a reunião, Armando Inácio que, na qualidade de redactor deste jornal, saudou os jovens guias e as respectivas patrulhas por eles representadas, por se dedicarem a tão importante trabalho e escolherem a nossa redacção para a reunião de arranque para esta actividade. Terminou por afirmar que «Sempre Pronto» teria as suas páginas sempre à disposição das patrulhas ali presentes.

Os guias, Carlos Fonseca, Paulo Porfírio, Paulo Reino, Carlos Filipe, Pedro Vasconcelos, Delgado Júnior, José Manuel Madeira, Francisco Filipe, Manuel Guerreiro e Jorge Montes entraram então animadamente na discussão dos assuntos.

Para esclarecimentos ou opiniões necessárias, estiveram presentes os chefes João Constantino, Jorge Alves, e ainda José António Cunha, que representou os guias do grupo n.º 93, de Sintra.

As conclusões obtidas da reunião foram as seguintes:

1.ª O Parque de Escotismo da Caparica será o local indicado para o começo do estudo e observação da Natureza. Para isso, será solicitada à equipa responsável do Parque a cedência da zona reservada à protecção. Dentro dessa zona, serão abertas clareiras, feita a limpeza geral dos principais detritos naturais e abertos alguns caminhos de pé posto.

2.ª Nas clareiras, serão construídos abrigos, comedouros e bebedouros para aves e outros animais. Serão também montados postos de observação, para que os escoteiros possam tomar notas sem perturbar o sossego da vida animal.

3.ª Serão plantadas, nos locais abertos, árvores de fruto, para melhor atraírem as aves.

4.ª Serão criadas condições para o desenvolvimento de algumas espécies bravias, como coelhos e ratos-esquilos que já existem no Parque.

5.ª Serão estudados, através de desenho, fotografia e filme, os animais que se acoitem na zona de estudo. As espécies vegetais serão também motivo de catalogação e protecção.

6.º Será pedida a ajuda dos lobitos e caminheiros para colaborarem na tarefa como auxiliares. Desta forma, os grupos estarão no seu todo incluídos na actividade.

7.ª Será lançado um boletim, que se denominará «O Javali», para informar os restantes grupos de escoteiros sobre o progresso desta iniciativa.

O nome dado ao boletim deve-se ao facto de o javali ser um animal quase extinto em Portugal.

8.ª Quando se começarem a obter resultados positivos, de molde a proporcionar motivo de interesse, serão convidados a integrarem-se nesta actividade as patrulhas de outros grupos.

9.ª No Parque de Escotismo será montado um pequeno laboratório para análise do material que se for recolhendo com as observações.

10.ª A actividade fica denominada, provisoriamente, «Projecto-Piloto de Protecção à Natureza».

A. I.

«Sobre Fogos de Conselho»

Continuação do número anterior



—Excelente, João,— disse Delta: — O espírito de um círculo de Fogo de Conselho é tão vivo, palpitante e sensível como as chamas que crepitam sobre a madeira empilhada. Tu sentes quais as canções que satisfazem no momento próprio e que são adequadas a essa disposição de espírito. Como deves saber, ser um animador de Fogo de Conselho é uma tarefa técnica e, quando os chefes compreenderem isto, os nossos Fogos e as canções escotistas serão uma coisa maravilhosa.

Continua na página seguinte

PÁGINA DO ESCOTEIRO

Continuação da pág. anterior

Sem dúvida, pessoas diferentes terão métodos diferentes, mas devo dizer que nesta espécie de «concerto», o animador deve exercer um completo «contrôle». Por outras palavras: ele e o grupo devem formar uma unidade — tem de haver uma disciplina necessária. O animador não deve ser dogmático, mas sim um incentivador e observador para tirar o máximo partido dos escoteiros presentes — mas deve ser firme e não fazer concessões. E por fim, como é óbvio, mas não o foi em alguns Fogos de Conselho que sofri — ele deve conhecer as letras e músicas das canções.

— Na verdade — disse Filipe — estava pensando que isso é claro. O animador deve conhecer um grande número de canções.

— Quantas canções calculas ser capaz de dirigir, João? — perguntou Delta.

— Não tantas como o chefe — disse João, sorrindo —, cerca de uma centena, suponho. Deves perceber, Filipe, que não devemos cantar qualquer tipo de canção. Somos um tanto especializados. Nem todas as canções servem para Fogos de Conselho.

— Isso parece snobismo, João, — disse a mãe de Delta.

— Por favor, eu não quero que compreendam assim — disse João. — Não é snobismo. Certa ocasião assisti a um Fogo de Conselho de um grupo e tudo o que os escoteiros fizeram foi berrar canções de «rock», «twist», e outras canções estrangeiras, algumas de mau gosto.

— Acho que há um bom meio de decidir se uma canção é da espécie que deve estar no reportório dum grupo; — disse Miguel que já acabara de beber a limonada. — É só perguntar a si mesmo: será este o tipo de canção que B.-P. acharia bom? Na verdade, não sabemos se o Fundador aprovaria, mas isso dá-nos uma espécie de padrão para o nosso uso.

— Eu acho que é um bom método — disse Filipe. — Não posso imaginar B.-P. entusiasmado por uma canção que diz: *Mamã eu quero* ou *Olha o polícia sinaleiro*.

— Ou outras — disse João — como *Você pensa que a cachaça é água...*

— É claro que não — disse Delta, — mas acredito que ele gostaria das músicas folclóricas, das canções dos marinheiros e de vaqueiros, das velhas cançonetas varonis dos espectáculos de variedades e de várias músicas populares antigas. São parte da nossa tradição e B.-P. aconselhava cultivar as tradições nacionais. Recordemos algumas delas: *Alecrim dourado; A plaina corre ligeira; Tia Anica de Loulé; Os olhos da Marianita; O bailinho da Madeira; O Malhão; Meninas, vamos ao Vira; As pombinhas da Catrina; Atirei um pau ao gato; Rema, rema, marinheiro; Acorda, Maria, acorda; Rio Mira vai cheio; Uma velha que morava numa ilha; Os teus olhos negros, negros.*

Miguel lembrou:

— Nós também gostamos de cantar as rodas ou músicas de rodas infantis. Há algumas que são lindas: *Ciranda, cirandinha; Ai, ai, ai, minha machadinha; Oliveirinha da serra; Lá vai uma, lá vão duas; Olha a triste viuvinha; A caminho de Viseu; Senhora dona Anica; Papagaio louro; Que linda falua; Fui ao jardim da Celeste; Rosa branca ao peito.*

— Existem também — lembrou João — as intermináveis canções de estudantes para esgotar a paciência: *Se um elefante incomoda muita gente; O meu chapéu tem três bicos; Era uma vez um barquinho pequenino.* Algumas canções famosas como *O coro dos Caçadores* e a *Canção da Alegria* são de incluir nos fogos de conselho.

— Devemos conservar vivas — disse Delta — as antigas canções escoteiras de Amâncio Salgueiro, Eduardo Moreira e Manuel Tacão, como: *Canção do fogo; Braço-vara; Oremos que o dia é findo; Fogo do conselho; Fomos para o campo; Quem passeia aquece; Vamos trabalhar; Mal rompe a alvorada.* Entre as canções de origem estrangeira, já incorporadas no nosso reportório, temos: *Iú-caidi; O cuco; Stodola pumpa; Guin, gan, guli; De B.-P. tenho o espírito;* e outras. É claro que um grupo deseja conhecer tantas canções de modo que possa sempre variar, sem que nenhuma fique demasiadamente batida. Cantar é parte essencial do método escotista que devemos conservar viva. Para encerrar o fogo existem o *Cântico do silêncio* e também *Oremos, que o dia é findo.*

João lembrou:

— Delta, tu não mencionaste as canções de repetição e movimento, que tanto animam os fogos de conselho: «*Alouette*»; *Polenta; Acorda, escoteiro, acorda; Eu perdi o dó do meu clarinete; O mar estava sereno; A árvore da montanha; Ai, arvela; Meu galo perdeu uma perna;* «*Kili-kili*», etc.

— Para iniciar o Fogo, — disse Miguel — temos duas bonitas: *Canção do Fogo* e *Fogo de Conselho.* Estas canções podem ser precedidas por *Irmão, chegou a hora.*

— Mais devagar — interrompeu Filipe, que estava escrevendo. — E sobre cânones?

— Depois do seu grupinho ter descoberto que um cânone não é uma competição ou corrida, mas um esforço conjugado, cooperativo, — disse Delta — tu poderás fazê-lo cantar e tudo irá relativamente bem. Se queres os conselhos da minha experiência, começa com o mais conhecido dos cânones: «*Frère Jacques*», cantado bem lentamente, docemente, para que os teus rapazes percebam a beleza dos acordes num cânone bem cantado. Nunca cantes um cânone com rapidez. Se começas com um cânone cómico, nunca mais conseguirás que o teu grupo cante com seriedade um cânone sério.

«Após o «*Frère Jacques*» e as suas versões em inglês e português, introduz os seguintes: *Sol é sol; Rema, rema, marinheiro; Dom blai dom; Sê, sê, sê jovial* e *Toca o sino, sacristão.*

Filipe anotava febrilmente os conselhos e os nomes das canções que eram mencionados. Mas aproveitando a pausa, perguntou:

— E sobre hinos e canções de marcha»?

— É claro que o grupo deve saber o *Hino Nacional* e o *Hino da A. E. P.*, mas para cerimónias cívicas, não para Fogos de Conselho — respondeu Miguel peremptório.

— Exacto! — confirmou Delta. — Quanto a canções de marcha, são mais úteis como canções de estrada, quando temos de fazer um percurso enfadonho mais rapidamente. A marcha dará a cadência mais viva (embora se dispense o passo certo) e serve de distracção. Porém, eventualmente, podem ser usadas nos Fogos de Conselho, ou com as palavras originais ou com versos de assunto escoteiro, ficando neste caso último também as marchas militares estrangeiras mundialmente conhecidas. Filipe, podes anotar: *Quem passeia aquece; Obreiros da bondade; Canção à Pátria; Braço-vara; Canção da Raça; Fomos para o Campo; Vamos trabalhar; Mal rompe a alvorada; Singingai; Eia, eia, cá está a malta.*

— Que mais pode entrar num Fogo de Conselho? — perguntou Filipe.

— Nunca exageres o número de gritos e de aplausos ritmados. Eles não têm lugar após as canções que foram cantadas por todos — disse Delta. — É como se tu te aplaudisses a ti próprio.

Os gritos só devem ser usados para saudações ou como forma sonora de agradecimento. Os aplausos cantados ou ritmados devem ser reservados para quando os demais, que estão no Fogo de Conselho, aplaudem um número individual ou feito por uma patrulha ou grupo presente.

Devemos acabar também com o excesso de números teatralizados. O que quer que seja o Fogo de Conselho, *NÃO É*, com certeza, nem uma plateia organizada que só sabe gritar aplausos, nem um circo ou espectáculo de variedades, em que se assiste seguidamente a números cómicos e exibição de proezas. Uma cena feita por uma patrulha (que não precisa ser obrigatoriamente cómica: o melhor número que já assisti foi a parábola do Bom Samaritano em mímica) é bastante para uma noite.

— A tua opinião, Delta, sobre instrumentos musicais? — pediu Filipe.

— Depende do instrumento — respondeu Delta. — O Fogo de Conselho não é um salão de concertos. Os escoteiros alemães, para onde vão, levam o seu violão às costas (numa tradição que remonta aos menestréis medievais). Com o surto actual da música popular portuguesa moderna, os festivais de canções, etc., verificou-se que a nossa juventude realmente gosta de compor música boa, gosta de tocar e de cantar com acompanhamento. O chefe prudente, que realmente cumpre o princípio básico de levar em conta o que o rapaz gosta, só pode favorecer este surto de musicalidade jovem. Assim incentivará o uso da viola e de outros instrumentos como o cavaquinho, a harmónica bucal, a flauta e os pequenos instrumentos de percussão — sempre com a finalidade de servirem de acompanhantes nos cantos. Com isso, pode-se introduzir nos Fogos a música popular de António Aleixo, José Afonso, Ary dos Santos e dos brasileiros Dorival Caimy e Chico Buarque de Holanda. Esta indrodução dos nossos melhores poetas-cantores da actualidade poderá dar origem a surgirem novos compositores escoteiros.

— Pode-se ter números individuais num Fogo de Conselho? — inquiriu Filipe.

Continua na pág. 10



DOS AÇORES

Escotismo na Ilha Terceira

«Ad Altare Dei» — Para quatro escoteiros americanos

Quatro escoteiros americanos ganharam recentemente a mais alta distinção católica concedida pela «Boy Scouts of America».

Os escoteiros Timothy Campbell: Bernard Collins II, Dennis Gray e Steven Gray, foram presenteados com a insígnia «Ad Altare Dei», na Capela do Destacamento Americano da B. A. 4 (Lajes), na Ilha Terceira, em 8 de Fevereiro, dia em que foi celebrado o «Domingo Escotista» em comemoração do 66.° Aniversário do Movimento nos Estados Unidos.

O E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, delegado dos Serviços Centrais da A. E. P. na Região dos Açores, procedeu à imposição das medalhas, nos quatro agraciados, em impressionante cerimónia, por convite expresso do padre capelão Robert L. Plush e do Conselho Paroquial Católico Americano na B. A. 4. A entrega foi precedida duma breve alocução apropriada, dirigida aos escoteiros e pais, pelo chefe Moniz Silva.

A insígnia «Ad Altare Dei» é, uma cobiçada distinção religiosa, concedida apenas a escoteiros católicos que cumprem um programa especial designado para realçar os conhecimentos dos escoteiros no conteúdo espiritual do Escotismo.

Além da «Altare Dei», a «Boy Scouts of America» criou igualmente insígnias e programas especiais semelhantes, para as principais religiões. Por exemplo, os Escoteiros Protestantes Americanos têm a sua insígnia religiosa denominada «God and Country».

Aniversário do nascimento de Baden-Powell

Em comemoração do «Dia Fundador», o E. C. Moniz Silva proferiu uma palestra aos microfones do Rádio Clube de Angra integrando uma gravação com a voz de Baden-Powell.

Reunião anual dos Lobitos Americanos

No salão principal do Clube de sargentos americanos na B. A. 4, realizou-se em 26 de Fevereiro passado, a reunião anual da Alcateia Americana *(Pack I)* das Lajes, comportando 154 convivas.

Presidiu o 2.° Comandante do Destacamento Americano coronel Carl Hornbuckle, vendo-se em lugares de destaque, o ten.-cor. Schism (Capelão-Chefe do Destacamento), que proferiu a invocação no início da reunião e a bênção final; o ten.-cor. Eugene Gray (presidente do *Troop. I)*; o capitão Terry Williamson (oficial de ligação escotista junto do Comando Americano); Sr.ª Julene Rein (pela comissão patrocinadora da Alcateia); o chefe Francisco Mouro, do CNE (Praia); o E. C. Moniz Silva, dos Escoteiros de Portugal (co-fundador da «*Pack I*») e outros.

Depois da reunião, foi servido o jantar. O Chefe da Alcateia, Ed. Wormley, dirigiu uma saudação aos presentes. O presidente da Alcateia, cap. Romeo Stochett, fez a apresentação dos convidados, e em especial do cor. Hornbuckle, que também se dirigiu aos presentes. Finalmente falou o orador-convidado, da noite, o «*Eagle Scout*» David Warner, que apresentou um interessante trabalho de apologia ao movimento escotista.

Depois da passagem de divisão de alguns lobitos *(Pack I)*, que foram recebidos pelo respectivo guia do Grupo, Stev Gray, o Chefe Wormley distribuiu insígnias e distinções pela alcateia.

Agrupamento 111 do C. N. E. — Base Aérea 4 / Lajes

No domingo, 21 de Março, este agrupamento promoveu a investidura solene de aspirantes, na capela de N.ª S.ª do Ar, da Base Aérea 4 (Lajes), compreendendo chefes, exploradores, lobitos e guias, com a comparência de delegações de todas as unidades do CNE na Ilha Terceira, e bem assim do Grupo N.° 52 da AEP, de Angra do Heroísmo, e dos agrupamentos de «*Boy Scouts*» e «*Girl Scouts*» do Destamento Americano das Lajes. As cerimónias foram dirigidas pelo chefe regional do CNE, Vítor Hugo Fragueiro.

Na sede do Agrupamento 111 foi servido abundante lanche de confraternização, com a presença de entidades convidadas e delegações escotistas.

Mais tarde, numa sala do Clube de Sargentos da F. A. P,, na B. A. 4., foram passados numerosos diapositivos respeitantes às actividades do núcleo local do CNE.

A delegação Grupo 52 da AEP., integrou o E. C. Moniz Silva, o chefe ajudante Ludgero Moreira, e os filiados, João Peres (caminheiro), José António Pinheiro (escoteiro) e Dímas Rocha (lobito). — D.

Atenção

Grupos de Escoteiros!

Já está formada a Comissão de Apoio a «Sempre Pronto»?

É preciso assegurar a existência do vosso jornal.

FALECIMENTOS

D. Adelaide Valentim

Contando 61 anos, faleceu no Hospital Distrital, a sr.ª D. Adelaide Borges Pereira Valentim, esposa do comerciante, sr. João Vieira Valentim.

Encontram-se anojados, além do viúvo, seus filhos, sr. João Orlando Pereira Valentim (colaborador do Grupo 52 da A. E. P.). casado com a sr.ª D. Olinda M. P. Pereira Valentim; suas irmãs, prof.ª D. Virgínia Maria Borges Pereira, D. Maria Borges Pereira, D. Humberta Borges Medeiros, e D. Fernanda Maria Borges Pereira, casada com o sr. Hermínio Mendes Vieira.

Artur Moniz Silva

Após prolongada doença e contando 91 anos de idade, faleceu em 3 de Março findo, o sr. Artur Moniz Silva, cujo funeral se realizou no dia seguinte, precedido de missa de corpo presente, na paroquial de Santa Luzia, de Angra do Heroísmo.

Além da viúva, sr.ª D. Clara Rosa de Azevedo Moniz Silva, o extinto deixa de luto seus filhos, sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva (Delegado nos Açores de «*Sempre Pronto*»), casado com a sr.ª D. Ilda de Ávila Moniz Silva; sr.ª D. Maria Clara Moniz Silva Chaves, casada com o sr. Manuel Almeida Chaves Jor.; sua nora, sr.ª D. Lucília T. Simões Moniz Silva, viúva do Dr. Artur Moniz Silva Jor.; seus netos, sr.ª D. Maria da Conceição Ávila Moniz Silva Valentim, esposa do sr. João Orlando Pereira Valentim; sr.ª D. Catarina Maria S. Moniz Silva Rocha, casada com o sr. Jorge Henrique da Silva Rocha; e sr. Jorge Augusto Simões Moniz Silva, ausente nos Estados Unidos. Deixa ainda três bisnetos.

* * *

O «Mestre Artur», como geralmente era conhecido, presidiu ao Sindicato da Construção Civil local, durante cerca de 30 anos, e só o seu estado de saúde, em 1972, o impediu de prosseguir.

Cursou com êxito o 16.° Curso Geral de Formação Social e Corporativa, realizado em Lisboa. Agraciado com a Medalha de Mérito Corporativo, em Setembro de 1966.

Vereador Municipal de Angra, sendo eleito em 25 de Novembro de 1941, para o quadriénio seguinte. Representante dos Sindicatos Nacionais no Conselho Municipal, que integrou até fins de 1971.

Ainda no transcurso de largos anos, foi membro da Comissão de Patrocínio do Grupo N.° 52 dos Escoteiros de Portugal, de Angra do Heroísmo, actividade de que se desligou há só quatro anos, por razões de saúde. — D.

N. da R. — *Todos os que trabalham em «Sempre Pronto» apresentam as mais sentidas condolências ao seu companheiro e amigo Jacinto dos Reis Moniz Silva, acompanhando-o com simpatia no seu desgosto, sentimentos extensivos a toda a sua família.*



Grupo n.º 2

Por motivos de saúde, abandonou a chefia deste grupo o sr. João Madeira Leitão, que durante muitos anos manteve intensa actividade naquela unidade dos Escoteiros de Portugal. Tendo-se especialmente distinguido no ramo do escotismo de extensão, o chefe Madeira Leitão e o Grupo n.º 2 foram os pioneiros em Portugal desta interessante e utilíssima faceta do Movimento Escotista.

Interinamente, assumiu a chefia do grupo o jovem Pedro Madeira, estudante universitário, que desde Novembro do ano passado tem vindo a desenvolver excelente trabalho de reorganização integral do grupo.

Ao companheiro Pedro Madeira, desejamos «Boa Caça» no desempenho da missão que se propôs levar a cabo.

Comissão de Moradores

Por cedência da chefia do grupo, a título excepcional, motivado pelo recenseamento e próximas eleições legislativas do País, a Comissão de Moradores da zona norte de Ajuda passou a reunir todas as quartas-feiras no ginásio da sede deste grupo.

Também a insistentes pedidos da referida comissão, a chefia cedeu parte das instalações do grupo para albergar uma família que habitava numa barraca, em condições de extrema miséria.

N. R. — *Muito embora se possa considerar a cedência de parte das instalações da sede para habitação como uma Boa-Acção escotista, não podemos aprovar essa forma de ocupação, não só porque a sede não possui condições para habitação, como também pelo motivo de imediatamente terem começado a surgir graves desentendimentos entre os beneficiados e os escoteiros o que levou o chefe do grupo a expor à comissão o seu descontentamento em face de insultos de que foi vítima*

Por outro lado, não devemos esquecer que o grupo de escoteiros serve dezenas de jovens moradores da Ajuda e que, sendo ocupadas as suas instalações para habitação, isto com carácter definitivo, ficam, seriamente prejudicados os que mais necessitam ser ajudados, já que naquela freguesia de Lisboa, ao que parece, nenhuma comissão se preocupou com o bem-estar das crianças e adolescentes.

A CAMPANHA DE ASSINATURAS

O Grupo n.º 24, do Funchal, apoia «Sempre Pronto»

A primeira pedra para a campanha de assinaturas do nosso jornal chegou do Funchal, na formosa ilha da Madeira. Esta unidade dos Escoteiros de Portugal, que se encontra em fase de desenvolvimento, expressou o seu vivo desejo de cooperar na obra de «Sempre Pronto» e iniciou a sua colaboração remetendo-nos cinco novas assinaturas. Boa ajuda!

Obrigado, amigos!

Equipas de apoio a «Sempre Pronto»

Esperamos que em cada unidade escoteira ou escuta, onde haja vontade de ajudar a resolver o problema de «Sempre Pronto», se formem equipas de apoio.

Essas equipas farão a difusão do jornal, conquistarão novos e bons assinantes, ajudarão nas cobranças. Vamos, amigos, indiquem-nos nomes.

Marco do Correio

AMARO J. P. BARBOSA — Cova da Piedade — Agradecemos a fotografia, que vamos procurar utilizar.

JOSÉ M. BONDOSO NUNES — Moimenta da Beira — Não foi publicado jornal de Outubro. Veja N.º 365/6, pág. 4. Não sabemos a que acampamento se refere.

Grupo n.º 94

No passado dia 15 de Fevereiro, este grupo recebeu os guias e subguias dos grupos n.os 8 e 93 para uma reunião de conselho de guias.

Após a reunião, prestou compromisso de honra o aspirante João Carlos Pires Guimarães, de 13 anos de idade, que ingressou na patrulha Morcego.

No final, foi oferecido uma merenda a todos os escoteiros presentes.

Cooperação Escotista

As chefias dos grupos n os 2 e 94 estiveram reunidas para combinar um plano de cooperação escotista na zona da Ajuda.

Dessa forma, o grupo n.º 94 passa a limitar a sua actividade a escoteiros até 13 anos de idade e o grupo n.º 2 a escoteiros a partir dos 13 anos.

Por outro lado, os grupos abrirão as suas sedes para reuniões dos escoteiros de ambas as unidades escotistas.

Espera-se que, dentro em pouco, o grupo n.º 13, de Belém, se junte a esta «frente» conjunta naquela zona de Lisboa.

REGIÃO DO CENTRO

Parque de Escotismo da Caparica

Acamparam neste Parque, nos passados dias 1 e 2 de Fevereiro, os Grupos 8 e 94, a fim de avaliarem a possibilidades de serem levadas a efeito aqui actividades sobre o estudo e protecção à Natureza.

No dia 22 seguinte, voltou a realizar-se, no mesmo local, outro acampamento, agora com os Grupos 8, 93 e 94, os quais dedicaram o Dia de B.-P. a trabalhos de protecção à Natureza, durante os quais foram abertas clareiras e feita limpeza e queima de vegetação morta.

Ainda no mesmo local, mas nos dias 13 e 14 de Março último, acamparam os Grupos 2 e 94, tendo realizado trabalhos de plantação de árvores de fruto nas clareiras da zona de protecção à Natureza, no que foram orientados pelo sr. Manuel, jardineiro das Matas Nacionais.

Também os escoteiros comemoraram o «Dia da Árvore», no dia 21 de Março, para o que a sua actividade foi orientada no sentido de limpeza das árvores, especialmente na zona dedicada à protecção da Natureza neste Parque.

Projecto de Protecção à Natureza

As patrulhas que estão interessadas neste projecto reuniram o seu conselho de guias, no dia 28 de Março findo, na sede do Grupo n.º 93, em Sintra, durante o qual foram tratados assuntos relacionados com o prosseguimento desta actividade.

Foram admitidas nos trabalhos do Projecto-Piloto as patrulhas do Grupo n.º 2, visto que este grupo está a orientar a sua actividade em conjunto com o Grupo n.º 94.

A. I.

O ESCOTISMO ANTES DE BROWNSEA

Continuação da pág. 1

«*Não vou discutir política, mas estou absolutamente convencido de que, quanto ao Chefe, Pearson não tinha qualquer desígnio de natureza política. Ambos estavam satisfeitos por se encontrarem, visto ambos manifestarem profundo interesse pelo estudo dos problemas dos seus concidadãos, em especial no que concerne à gente nova, campo onde qualquer deles ocupava importante posição no mundo. Por isso, foi grande o contentamento que sentiram por terem a oportunidade de trocar pontos de vista sobre o assunto.*

«*Há anos que Pearson lutava por realizar um projecto que desse às crianças pobres das grandes cidades a possibilidade de passarem férias longe das ruas apinhadas de pessoas. A esse projecto foi dado o nome de Fundação Pearson do Ar Livre, que ainda hoje desenvolve grande actividade.*

«*As atenções do Chefe também se centravam na juventude, pois nessa altura metera mãos ao trabalho de dar forma, a pouco e pouco, a esse extraordinário e maravilhoso plano que seria oferecido ao mundo sob o nome de* Scouting for Boys. *Os dois tinham, por isso, muitos objectivos comuns*».

Esta narrativa de Everett faz-nos algumas revelações de importância. Em primeiro lugar, assistimos ao estabelecimento dos contactos entre B.-P., Pearson e Everett, personalidades que viriam a desempenhar papel de relevo no Escotismo. E. E. Reynolds, biógrafo de B.-P., regista que, a partir desse primeiro encontro, Everett se tornou o braço direito do Chefe, em matéria de organização. Era a Everett que B.-P. recorria com frequência para ouvir o seu avisado conselho e opinião sobre algum novo projecto que lhe acudisse à mente. Everett ficaria para sempre estreitamente ligado ao Escotismo. Vê-lo-íamos já em Brownsea entre os dirigentes em que o Fundador se apoiava e a quem dedicava especial afeição.

Aquando da publicação do *Scouting for Boys*, Everett prestou a B.-P. colaboração excepcional na resolução de vários problemas editoriais.

Quanto a Pearson, foi de enorme importância o papel por ele desempenhado durante o período em que o movimento despontava. A intuição de B.-P., permitiu-lhe descobrir em Pearson qualidades que o recomendavam como elemento qualificado para intervir no arranque e lançamento do sistema educativo que o entusiasta general inglês começava por aqueles tempos a delinear.

Foi durante o *party* a que acima nos referimos que o Fundador logrou obter a colaboração de Pearson para levar por diante os projectos do movimento de juventude a que desejava dar realidade. Dessas diligências, dá-nos Everett o seguinte curioso relato:

«*Enquanto os convidados se divertiam, discretamente o anfitrião preparava-se para se retirar. B.-P., que passava perto do carro que aguardava Pearson, interpelou-o quando este apareceu:*

«— *Onde vai, Pearson?*

«— *Vou visitar um lar de diminuídos fisicamente. Não me vou demorar.*

«*Enquanto o carro se afastava, B.-P. ali ficou, pensativo. Eis o que lhe passou pela mente:*

«— *Aqui está o homem que me pode auxiliar: gosta de crianças, é um organizador por excelência, possui um grande jornal. Conhece a melhor forma de lançar a minha iniciativa.*

«*Ao serão, após o jantar, o Chefe conversou connosco acerca da sua própria infância, das suas experiências com o grupo constituído com seus irmãos, do esplêndido trabalho realizado pelos rapazes em Mafeking, do êxito alcançado pelo seu livro* Aids to Scouting. *Acabou por apontar a necessidade de ser criada uma ocupação que atraísse os rapazes durante os tempos deixados livres pela escola.*

«— *Hoje em dia — disse ele — há mais de um milhão de rapazes no país que estão fora do alcance de qualquer boa influência. São empurrados, muitas vezes, para antros de preversão, à espera que se lhes estenda a mão.*

«*Pediu, então, a Pearson que o ajudasse. Este ficou deveras impressionado. Estávamos todos ali. O resto do fim-de-semana passou-se, em grande parte, a tentar achar a melhor forma de lançar o plano do Chefe. Pearson estava possuído do maior entusiasmo. Era um organizador nato e estava sempre disposto a andar para diante. Mas o Chefe era mais cauteloso e queria estar seguro do terreno que pisava. Por isso, manifestou o desejo de explicar melhor o seu esquema diante de dirigentes de outras organizações de juventude e tentar a colaboração de membros proeminentes da Igreja, do Estado e das Forças Armadas, dos quais escutaria os pontos de vista. Além disso, estava particularmente ansioso por testar as suas próprias teorias no campo da prática.*

«*Para dar concretização à primeira sugestão do Chefe, foi preparado o rascunho de uma carta que ele iria enviar às personalidades em maior destaque, carta que viria a obter o melhor acolhimento por parte dessas pessoas. Tal facto deu a B.-P. o estímulo necessário para, finalmente, meter ombros à sua notável iniciativa*».

É ainda do livro de Everett que respigamos uma curta passagem de um dos numerosos diálogos havidos entre B.-P. e Pearson, acerca dos problemas relacionados com a organização do movimento:

Pearson: «— *Devemos arranjar um nome interessante, um nome que possa atrair o rapaz...*»

B.-P.: «— *Claro! Não seria uma boa ideia chamar ao movimento «Sociedade para a Propagação de Atributos Morais»*».

Pearson: «— *Qual é o nome do livro de que você me tem falado, escrito enquanto esteve no exército?*»

B.-P.: «— *Refere-se ao* Aids to Scouting?»

Pearson: «— *Exactamente. Porque não aproveitar a palavra* Scouting? *Há muito romantismo e aventura nesse termo...*»

B.-P.: «— *Tem razão. O nome de* Boy Scouts *vai despertar a atenção, estou disso convencido...*»

E Everett comenta:

«*Assim o movimento se tornou o* Boy Scouts Movement *e o livro do Chefe, quando foi escrito, se chamou* Scouting for Boys».

Desta maneira, surgiu a palavra que, ao longo deste século, seria pronunciada por milhões e milhões de jovens, pois sobre eles iria exercer um sortilégio só compreensível pelo complexo de actividades que ela viria a identificar.

São estes os curiosos eventos que se destacam da história do nosso Movimento antes da partida para a Ilha de Brownsea.

ATENÇÃO
AGRUPAMENTOS ESCUTAS!

«Sempre Pronto» está ao serviço do Escotismo.

De todo o Escotismo.
É preciso utilizá-lo.

Constituam
Comissões de Apoio!

PANORAMA DO XVIII JAMBORI NO AR

UMA BELA ACTIVIDADE QUE O QUERER DOS ESCOTEIROS AINDA TORNOU MELHOR

Escotismo em acção

Só agora nos foi possível ver os relatórios que as unidades escotistas portuguesas enviaram à Organização Nacional e alcançar, assim, uma ideia mais correcta do que realmente foi conseguido pelos nossos escoteiros nesta importante actividade mundial do movimento escotista.

Sem mais delongas, vamos entrar num breve comentário aos relatórios de cada um dos grupos, começando pelas unidades da AEP.

Os Grupos da AEP no Jota

O Grupo 4, do Porto, lamenta-se de não ter recebido material de propaganda. Sem querermos tomar posição no assunto, julgamos que os escoteiros não podem colocar-se numa atitude de passividade. *Quem quer bolota trepa*, é ditado muitas vezes repetido no nosso movimento. O relatório deste ano é bastante pobre, embora o grupo tenha obtido razoável conjunto de contactos.

Vamos fazer melhor neste ano?

O Grupo 7, de Lisboa — o velho Grupo 7 — teve fraca participação, assim como fraco é o seu relatório. É preciso fazer mais, vamos a isso?



O trabalho tem sido muito mas os resultados foram compensadores. E assim a boa disposição surge naturalmente...

O mesmo já não aconteceu com o **Grupo 12 de Carcavelos**, que preparou um relatório simples, mas com informações de interesse. Os contactos estabelecidos foram em bom número, embora o JOTA não seja *verdadeiramente uma competição, mas principalmente uma manifestação de presença e de contacto fraterno*, como, e muito bem, reza o relatório. Regista-se, com agrado, a referência de que foram dadas, sobretudo aos escoteiros mais jovens, todas as explicações sobre o que estava sucedendo. Assim é que é. O aspecto educativo nunca deve ser menosprezado. Com este grupo, esteve também o Grupo 16, da mesma ocalidade.

Desta vez, todo virado para a instalação do emissor no Parque de Escotismo da Caparica, o **Grupo 23, de Queluz**, não nos ofereceu um relatório que lembrasse, sequer, o do ano anterior. Paciência, aguardemos o deste ano.

Todavia, o **Grupo 24, do Funchal**, *surpreendeu-nos* com um relatório com uma capa bastante original, que revela inspiração. No entanto, o interior já não foi tão bem conseguido, embora trabalhoso. Contactos numerosos.

Excelente: eis a classificação para um relatório

O **Grupo 47, da Amadora**, brindou-nos com um belíssimo trabalho. *Bravo!* O relatório apresenta uma capa simples, mas cuidadosamente elaborada e o relatório, além da meticulosa apresentação, possui um texto que se lê com muito agrado, com informações preciosas, bem observados comentários e um humor verdadeiramente escotista. Desse trabalho, diremos o que eles dizem dos JOTA: *nunca pensámos que fosse tão interessante.*

Registe-se a sequência harmoniosa dada ao relato dos acontecimentos, a descrição das ocorrências, os apartes com muito chiste e apropriados, isto para não falar do bom conjunto de fotografias. A emoção: *o nervosismo e a expectativa eram quase iguais à de um «vulgar» astronauta...; eu quase não jantei; havia um ano que não ouvíamos a palavra Jambori via rádio, e foi emocionante ouvi-la novamente; foi com olhos tristes que víamos aproximar a meia-noite local.* Expressiva a mensagem que os escoteiros escutaram e registaram no relatório:

«Para Todos

O entusiasmo e a alegria que une Aquelás e Aqueluz é a concretização dum pensamento que o Mundo deseja... Nós seremos a vanguarda dessa realização se conseguirmos projectar através do éter a chama da fogueira que nos aquece».

O Grupo 52, de Angra do Heroísmo, oferece um relatório simples, mas demonstrando o cuidado que esta unidade escotista habitualmente dispensa à sua participação nestas actividades.

Resumo histórico do acontecimento, fotografias, recortes de jornais e um diversificado e razoável número de contactos. Aceitável.

A participação dos agrupamentos dos CNE

O Corpo Nacional de Escutas continua a manifestar interesse por este certame escotista, cuja utilidade não é de mais salientar. Desse interesse, dá prova o grande número de agrupamentos da associação irmã que se associaram a esta actividade.

O **Agrupamento 44, de Tomar**, cuja participação merece realce, revela, na preparação do seu relatório, um conjunto agradável de ideias, o qual, contudo, é muito desvalorizado pela menos cuidada apresentação (papel, escrita, planificação). E é pena, pois que se verifica que o grupo tem vida e conta nas suas fileiras com gente entusiasta e esclarecida. Porque não mais um esforço de aperfeiçoamento para que a *impressão de encantamento e de interesse* como o chefe do agrupamento observou o JOTA possa ter o devido reflexo no seu relatório?

Já o **Agrupamento 66, de Lisboa**, tem um relatório simples, mas com apresentação razoável, embora falho de inspiração. Onde é que está a imaginação do escoteiro?

O **Agrupamento 107, de Ponta Delgada**, já com tradições nesta actividade, brinda-nos com um relatório de muito valor, quer técnico, quer escotista. Redacção exemplar, como se pode fazer ideia daquele passo em que descreve o contacto com uma estação australiana, em que refere: *este QSO foi, quanto a nós, o mais interessante de todo o Jambori, porquanto tivemos oportunidade de falar longamente e de ouvir quatro avezinhas que se mostraram muito entusiasmadas pelo contacto com os Açores, terra cuja existência desconheciam. Depois de procurarem no mapa a localização deste arquipélago, pediram uma descrição do modo de vida dos escoteiros, bem como das suas actividades.* Que melhor exemplificação se pode dar do que deve ser um Jambori no Ar? Porque, não tenhamos dúvidas, os JOTA têm como principal objectivo (vamos citar novamente o relatório) proporcionar *aos escoteiros do resto do mundo um conhecimento mais profundo da maneira de ser e sentir dos seus colegas daquele país.* Os rapazes de 107 bem merecem um *foguete!*

Continua na página 11

PÁGINA DO ESCOTEIRO

Continuação da pág. 5

— Sim, podes incentivá-los — respondeu Delta. Evita, contudo, o seu excesso. Como sabes, o próprio B.-P. era excelente em mímica e sabia entreter um auditório com números muito variados. Portanto, espevita cada camarada do grupo a cantar uma canção ou recitar uma poesia ou contar uma história curta, com ou sem mímica.

— Tu, Filipe, deves ouvir os «artistas» antes do Fogo para verificares a qualidade da exibição e evitar uma decepção — aconselhou Miguel.

— Sem dúvida — atalhou Delta — mas, lembra-te que eu várias vezes disse: Incentiva! Faz com que o grupo também compreenda isso. Nunca permitas que alguém seja vaiado ou que cantem quadras ou dêem gritos de desaprovação, que são equivalentes a vaia. Mesmo que o número não seja bom, ou que o artista não tenha qualidade, sabe-se que ele é um estreante que está fazendo o melhor possível e o seu esforço para a auto-expressão, a sua vitória sobre a timidez, merece um aplauso de incentivo. Afinal, ele é um de nós, um membro do nosso grupo ou da nossa família escoteira. Não é um artista profissional e ninguém pagou para ver o espectáculo. O grupo que vaiar ou zombar estará apenas a demonstrar que ainda não começou a aprender o que é o espírito escoteiro. Um Fogo de Conselho é uma reunião de amigos. Dentro do seu círculo encantado, só há lugar para a amizade ou amor fraterno, o respeito ao próximo, a cortesia, a generosidade e a bondade.

— Ámen — disse João. — Delta, você ainda não falou sobre histórias no Fogo de Conselho.

— Realmente, — concordou Delta. — Em todos os Fogos de Conselho há sempre lugar para uma boa história, contada com arte, antes do encerramento. Nos fogos íntimos, no seio do grupo, o chefe deve sempre contar uma história. Mais alguma dificuldade, Filipe?

— A minha dificuldade é, seguramente, a dificuldade de muitos outros grupos novos e pouco numerosos — disse Filipe. — É que, simplesmente, eu não tenho boas vozes. Por ora, as minhas duas dúzias ainda estão mais ou menos afinadas, mas já começo a ter mudanças de voz. Além disso, não temos repertório. Anotei aqui mais de cem nomes de canções, se contarmos com as sugestões gerais e a obra musical dos autores citados. Mas vocês ainda vão ter de me dar as letras e eu vou ter que aprender as músicas, para depois as transmitir aos meus rapazes.

— Não desanimes diante das dificuldades, — comentou Delta, rindo. — Primeira resposta: há cancioneiros escotistas publicados, podemos emprestar-tos ou podes adquiri-los. Segunda resposta: a espécie mais simples de Fogo de Conselho é a parte da reunião semanal que podemos dedicar a ensinar o grupo a cantar canções. Uma canção nova de cada vez e a repetição de uma antiga, para não esquecer.

«Pode-se emprestar aos escoteiros cópias das canções, mas isso, às vezes, reduz o interesse em gravá-la na memória. O melhor método será ter um cartaz com a letra, que será exibido no princípio, mas que logo depois disso será virado para forçar a memorização. Terceira pergunta: a nossa Região promove nas tardes de sábados, no Inverno, uma vez por mês, uma concentração de escoteiros e chefes, que é chamado Fogo de Conselho Regional. Realmente não há Fogo, pois é feito dentro de um recinto coberto. Mas é uma boa oportunidade para os escoteiros de vários grupos se misturarem e o melhor lugar para se aprenderem novas canções. Isto ajudará o teu grupo e mesmo os grupos de pequeno efectivo.

— Ficarei esperando ansioso pelo próximo Inverno, — disse Filipe.

— Na nossa Região, e também em outras, já temos a participação das Guias nestas reuniões de música e canto colectivo. É uma maneira simpática esta cooperação entre os dois movimentos. Um Fogo de Conselho num parque local, numa tarde ou noite de Verão é uma oportunidade para a Região conseguir excelente propaganda. Centenas de rapazes — e guias — felizes e cantando em coro, da melhor maneira possível, que melhor publicidade podes desejar?

— Está esfriando muito — disse a mãe de Delta. — Vocês devem entrar e tomar um café. Irei prepará-lo, enquanto vocês trazem as cadeiras, a bandeja e o resto. Podem continuar a conversa dentro de casa.

— Fazer versos de assunto escoteiro para as melodias mais conhecidas é também uma boa ideia. O nosso grupo tem como canção oficial uma letra feita para uma música que, na época, foi um sucesso. Mas não serás só tu que terás de fazer estas brincadeiras: muitos rapazes mostram um talento admirável para fazer letras cheias de humor sobre melodias conhecidas e mesmo para compor música e versos originais. Nós temos uma quantidade enorme de letras colecionadas através dos anos, que é uma crónica musical dos acampamentos realizados.

— Isto é uma tradição do grupo — disse Delta, sorrindo.

Começaram a caminhar para casa.

— Há paródias que são excelentes. Conheces a letra de *Lavar panelas* sobre a música de *Place Pigalle?* Conheces a *Canção do Chefe Regional* sobre uma ária de uma ópera? — perguntou João.

E sem esperar resposta começou a cantar, com a sua agradável voz de barítono:

Quando eu era garoto, num grupo ingressei,
Fui um pata-tenra, aprendi nós e a Lei.
E, então, fiz muitas coisas que nunca havia [feito...

— Ele, então, fez muitas coisas que nunca tinha feito... — Cantaram em coro, irónicos, Delta e Miguel, acompanhados por Filipe.

E João continuou:

— «*E tudo fiz com um jeito tal, que cheguei a chefe regional...*»

E o trio:

— E tudo fez com um jeito tal que chegou a chefe regional...

Com João iniciando o segundo verso, todos ingressaram na casa e a noite começou a invadir, vagarosamente, o jardim.

Adaptação do livro «Opiniões de Delta» de Rex Hazlewood.

Os escutas praticam a B. A.

Numeroso grupo de escutas do Porto ofereceu sangue

As carências de sangue nos hospitais continuam a verificar-se, o mesmo é dizer que, dia a dia, este angustiante problema continua a afligir os responsáveis pelo tratamento de tantos doentes necessitados do precioso fluido.

Numa circular que temos presente, do Serviço de Hemoterapia do Hospital de Santo António, do Porto, refere-se que todos os dias há vidas em risco, por falta de sangue, todos os dias há doentes cujo sofrimento se torna mais arrastado e penoso porque não há sangue para os tratar. A falta de suficiente quantidade de dadores é a causa de inadequado tratamento de muitos doentes, do prolongamento do seu período de internamento e, consequentemente, da diminuição da rendibilidade dos hospitais e engrossamento progressivo das listas de espera para internamento, pelo que acontece que há doentes que morrem sem terem tido a oportunidade de hospitalização e outros que são internados em condições tão precárias que o risco de mortalidade é manifestamente maior.

Sem termos o intuito de dramatizar a situação, é esta a realidade de que não nos podemos alhear e é também este o motivo por que queremos dar o devido realce à iniciativa dos escutas da Região do Porto do CNE que, para comemorar o 119.º aniversário de Baden-Powell, compareceram, no dia 22 de Fevereiro, no Instituto Nacional do Sangue daquela cidade, a fim de oferecerem sangue.

Diz *O Comércio do Porto* que esse grupo era composto por 130 pessoas, e constituído não só pelos escoteiros, mas também por outras pessoas amigas do movimento.

Eis uma útil iniciativa que convinha ser imitada pelos escoteiros e outros jovens. A dádiva de sangue é uma iniciativa que se quadra perfeitamente com a actividade de um clã de caminheiros. Porque não a adoptar?

E não se diga que este meritório gesto não tem compensação. Além do prazer que o serviço prestado ao próximo certamente outorgará, há ainda a possibilidade de, através da análise do sangue oferecido, que é sempre feita, se detectar a existência de enfermidades até então ignoradas.

Vamos, num destes dias, desatar o nó da boa acção?

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Panorama do XVIII Jambori no Ar

Continuação da página 9

Isto é escotismo!

Outro belo relatório é o que elaborou o **Agrupamento 119, de Coruche.** Trabalho sóbrio, mas limpo e com leitura recheada de interesse e proveitosa. É bem o resultado de uma actividade que foi esperada *com entusiasmo, com nervos, com esperança. Uma data de que se falava a todo o momento, que fazia os rapazes manterem-se na sede mais tempo que o habitual, em intermináveis conversas e projectos.* Escotismo com maiúsculas, dizemos nós.

Pois a rapaziada do 119 pensou em montar um posto na própria sede. E se pensou, melhor o fez, embora com muito trabalho, muito espírito de iniciativa, muito apego. O radioamador sr. António João dos Santos Calinha aderiu à iniciativa. E assim se foram preparando as coisas para o grande acontecimento.

É o relatório que conta: *Vibrava-se, teciam-se ideias formidáveis, e o trabalho começou a surgir. O Zé Isaque era perito em dinamização, por onde ia, agitava e propagandeava o Jambori. Num acampamento na Ponte de Sor pôs em pé guerra a* malta *daqueles lados. E, vai daí, toca de arranjar direcções de radioamadores para enviar aos nossos irmãos de Ponte de Sor, Castelo Branco, Portalegre, etc. Mas... o que é que estava a acontecer em Santarém? Então aquela* malta *que tinha tantas tradições nos anteriores JOTAS andava completamente às aranhas, sem sequer saber o que fazer.*

Não o Zé Isaque não podia com isso e foi entusiasmar a malta, *colaborou quanto pôde para que o agrupamento de Santarém voltasse, a operar. Contudo, o seu trabalho não deu frutos, por qualquer razão. Talvez porque em Portugal o Escotismo esteja a morrer dia a dia e todos os esforços para deter essa morte sejam inúteis...*

Não, caros camaradas do 119, não concordamos convosco. Podeis estar certos de que, enquanto em Portugal houver muitos Zés Isaques, como em Coruche, o Escotismo não morrerá!

Pois os escutas desta vila ribatejana levaram a sua iniciativa avante. Para dinamizar a rapaziada, foi publicado um jornal, – *O Fisga* – com artigos sobre o Jambori no Ar e um concurso especial, dedicado aos escoteiros do agrupamento. E a fim de que fosse feita uma ampla divulgação do radioamadorismo e do JOTA, a «equipa do ar» do 119 fez publicar, no jornal *Sorraia*, um convite a toda a população de Coruche para participar neste grande fogo de conselho e ainda um artigo com o sugestivo título: Se todos os rapazes do mundo...

Se todos os rapazes do mundo...

A antena e o posto foram montados na sede. E chegou o dia *ansiosamente esperado*, tão ansiosamente esperado, que a participação do agrupamento foi antecipada, para o que se combinaram contactos com alguns grupos portugueses e com escoteiros de Newbury, na Inglaterra.

O entusiasmo: *A sede estava cheia de gente, as cadeiras que tínhamos destinado aos visitantes já não chegavam e tivemos que retirá-las para obter mais espaço.*

A camaradagem: *Entretanto, chegam os nossos irmãos de Salvaterra, que, ao lerem a* Fisga *que para lá mandáramos, quiseram vir ver como era. E, segundo disseram, foi maravilhoso e que para o ano também estarão* no ar.

Serviço: *Surgiram imensas vozes de HAM's de Angola que pretendiam estabelecer contactos aqui em Portugal entre indivíduos de quem nada se sabia e as suas famílias que cá estavam. Largava-se tudo para atendermos estes indivíduos e contactarmos as suas famílias. E muito se fez neste campo: telefonou-se, escreveram-se cartas, combinaram-se futuros encontros e futuros contactos, trouxeram-se famílias à sede...*

A fraternidade mundial: *Apesar deste número de contactos, não foi nossa intenção bater qualquer recorde. Com efeito, preocupámo-nos muito mais em estabelecer amizades.*

Aos rapazes do 119: B. R. A. V. O! B. R. A. V. O! B. R. A. V. O!

Outros agrupamentos se pronunciam

Também o **Agrupamento 391, do Porto,** nos oferece um relatório muito regular, com agradável leitura. Um exemplo: *À 1 hora e 16 minutos e com grande entusiasmo, ouvimos pela primeira vez escoteiros nossos irmãos a falar pela rádio. Gritos de alegria e satisfação se ouviram por toda a sala. As fotografias foram aparecendo e as gravações dos contactos desenrolaram-se em bom ritmo.* Mais tarde, refere o relatório que, ao regressarem à sede, todos seguiam alegres por terem *realizado um sonho que parecia irrealizável.* São estes os momentos que o Escotismo tem de proporcionar ao rapaz, de contrário o seu programa não estará a ser cumprido.

Na Rede dos Emissores Portugueses, onde funcionou um posto com o indicativo CT1RL e em que estiveram presentes vários agrupamentos do CNE, foi transmitida uma mensagem, em português, francês e inglês, de que não resistimos a fazer a transcrição:

Nós vos anunciamos com alegria o nosso tema do ano:

— Natureza é Espaço de Vida.

E para acompanhar este objectivo é preciso que a natureza seja:

— A Festa.

— O Espaço para o homem de amanhã.

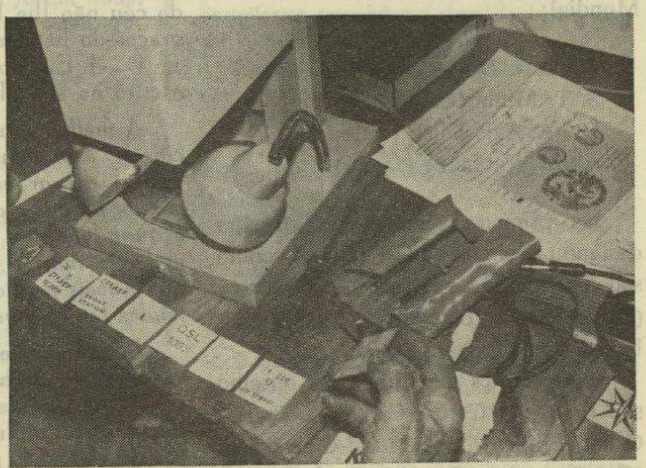
— Espaço onde o homem não seja mais vítima do homem.

Trabalhar então para que, efectivamente, a natureza seja um espaço de vida.

Boa Caça!

A Junta Regional da Madeira, do CNE, também preparou um relatório, curto, mas com alguns apontamentos de bom significado escotista.

A Brigada Marítima D. Fuas Roupinho, já com certo historial nos JOTA, está agora connosco, na Capital do Norte. Relatório curioso e com dose apreciável de bom humor: *Estudada a táctica para a maior movimentação possível de* caramujos, marinheiros e piratas, *bem assim como as* sereias, *a D. Fuas chegou à conclusão de que deveria atacar o* cardume *existente no éter em três frentes com* fragatas *regionais referentes às localizações das respectivas secções, a saber: Luanda, Lisboa e Porto.*



Está tudo a postos... Daí a pouco vai ser feita a chamada geral. O Jambori no Ar vai começar...

Afinal, só a *fragata* portuense se fez ao mar, conseguindo boa *pescaria*. Um *bravo!* aos valorosos *pescadores*.

Outras unidades escotistas apresentaram os seus relatórios, no entanto sem qualquer pormenor digno de nota, pois se limitaram a organizar as listas de contactos ou pouco mais. Estão nestas condições os Grupos 1 de Lisboa, e 6, de Olhão, ambos da AEP, os Agrupamentos 9 e 10, do Porto, 37, de Évora, 55 da Amadora, 69, de Odivelas, 109, de Coimbra, 111, e 394, dos Açores, 159, de Portimão, 173, de Lagos, e 290, de Loulé, e Junta Regional de Lisboa, todos do CNE, assim como os grupos de *Girl Scouts of America* e *Boy Scouts of America*, da Base Aérea n.º 4, das Lajes (Ilha Terceira).

Assim decorreu o 18.º Jambori no Ar. Têm agora a palavra os escoteiros, pois são eles que nos podem oferecer um 19.º JOTA ainda melhor. Será assim?

Continua na pág. 13

Na 25.ª Conferência Mundial do Escotismo

foram eleitos quatro novos membros do Conselho Mundial

A 25.ª Conferência Mundial do Escotismo, que se realizou em Copenhague, em Agosto último, elegeu os seguintes novos membros para o Conselho Mundial:

Edouard Duvigneau (Bélgica)
S. T. Muna (Camarões)
Dr. A. Azis Saleh (Indonésia)
Akira Watanabe (Japão).

Na primeira reunião, o Conselho designou Irving J. Feist (EUA), como seu presidente, e Bruce H. Garnsey (Austrália) e Dr. Farid Karam (Líbano), como vice-presidentes.

Os restantes membros do Conselho são E. Bower Carty (Canadá), Charles Celier (França), *sir* Bernard Chacksfield (Grã-Bretanha), J. J. M. Nyagah (Quénia) e Gustavo J. Vollmer (Venezuela).

O Escotismo em Carcavelos

Grupo n.º 12 — Sassoeiros

Esta unidade dos Escoteiros de Portugal comemorou o Dia do Pensamento, data do aniversário de B.-P., que passou em 22 de Fevereiro, com uma sessão de convívio na cerca da escola primária local. Foi montado para exposição um acampamento, integrado num concurso interpatrulhas, efectuou-se uma sessão solene e os escoteiros plantaram uma árvore. À festa presidiu o secretário da comissão de morado-es local, secretariado pelo sr. Eng.º José C. Aquino, presidente da direcção do Grupo; Vítor Ferreira, dirigente administrativo tendo o dirigente da unidade, sr. António Viegas Custódio, proferido algumas palavras acerca do Fundador.

Cinco lobitos passaram à divisão escoteira, tendo prestado Compromisso de Honra, bem como quatro novos escoteiros, que foram integrados nas patrulhas Castor e Esquilo. Depois de várias cerimónias escoteiras e, antes de se proceder à plantação da árvore no logradouro da Escola, o presidente do Grupo fez uma palestra sobre o culto da árvore.

No alpendre da escola, ficou ainda patente durante todo o dia uma exposição de trabalhos manuais.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

O conceito de felicidade no pensamento do nosso Fundador

Ainda que B.-P. fosse dos que se detêm contemplativamente perante as belezas da natureza, o seu êxtase perante os lírios do campo e as avezinhas do céu não lhe fazia esquecer as desgraças do homem, seu irmão.

(...) Eis por que ele nos deixou escrito na sua última mensagem:

A melhor maneira de atingir a felicidade é espalhá-la em nossa volta. Tentai deixar este mundo um pouco melhor do que era quando vós nascestes e. quando a hora da morte se aproximar, podereis morrer felizes, pensando que não haveis perdido o vosso tempo e que tendes feito «o vosso melhor».

Julgo bem determinado assim o que era a felicidade no pensamento do nosso Chefe. Esta era toda amor, amor pelos homens, individual ou colectivamente considerados, e por Deus, criador de todas as coisas.

(...) A felicidade em B.-P. é pois amor, amor na verdadeira acepção, em que tudo se dá sem nada esperar em troca senão amor. Amor feito de verdade, de paz e de justiça, outros tais conceitos cuja análise se me afigura útil.

Deste modo nasceu em B.-P. a ideia de criar um movimento universal, cujo traço de união fosse o amor e assim surgiu o Escotismo mundial.

Vejamos, agora, como a felicidade, à maneira do seu criador, constitui a superestrutura do Escotismo.

Como base da sua obra, B.-P. criou o Código do Escotismo, o seu código de honra, a Lei do Escoteiro. E, como alguém já afirmou, se só houvesse o amor não seria preciso o Direito, esse código nada tem de jurídico; sem sanções materiais, não é imposto coactivamente. O seu valor, contudo, e por isso mesmo, é maior e a sua influência superior, porque a sua observância tem como recompensa a contribuição para a felicidade alheia e o seu desrespeito a mais dura das sanções, a falta do supremo bem da felicidade para aqueles que voluntariamente o infringem. Que se alargue o número dos que por ela regem a conduta, e a vida será mais bela!... Conhecê-la, será verificar como nessa peça basilar do escotismo se reúnem, em extraordinária síntese, todos os componentes da felicidade a que B.-P. aspirava e que, para se alcançar, bastará que cada um de nós saiba ser um escoteiro, que o mesmo é ser:

Verdadeiro e a sua palavra sagrada (art.º 1) e eis a Verdade Real; Cortês; Obediente e Disciplinado; Prestável para o seu Semelhante; Amigo de todos e todos os escoteiros seus irmãos; Puro nos pensamentos, palavras e acções, e eis a Paz. E finalmente:

Respeitador do bem de outrem, isto é, dar a cada um aquilo que é seu, e eis a Justiça.

(...) Saibamos ser sempre felizes, como no-lo ensinou o nosso saudoso Chefe, porque se outros méritos não tivesse o Escotismo, seria este suficiente para justificar a sua existência e o tornar eterno.

Dr. Eugénio Henrique Ramos

LIVROS

O ESCOTISMO
Sistema de Educação Integral
por Antero Nobre . . . . . 20$00

«MAIS ALÉM»
Manual Escoteiro de 1.ª classe . . . . . 20$00

Considerações sobre
Revolução e Reforma em Portugal e no Mundo
por Eduardo Moreira . . . . . 20$00

As Três Razões Fundamentais da Reforma
por G. Wisse, antigo catedrático de teologia . . . . . 20$00

À VENDA
Na Administração de «Sempre Pronto»
Pelo correio acresce o porte



13 — *O Escotismo*, por Antero Nobre. 1974. Edição do Autor. Faro. 23 págs.

Este opúsculo é constituído por artigos que o A. publicou há mais de 40 anos e se destinavam então a «uso exclusivo dos alunos da extinta Escola Superior de Educação Física da Sociedade de Geografia de Lisboa».

O Escotismo estava nessa época votado ao ostracismo pelos Poderes Públicos e ser, ou confessar-se, escoteiro constituía *in illo tempore* acto de coragem, que os jovens de hoje são incapazes de avaliar. Anos antes, na idade heróica do Escotismo português, era também acto de coragem sê-lo, não porque nesse tempo os Poderes Públicos o hostilizassem, mas porque grande parte das populações mostravam incapacidade de compreensão do Movimento, procurando antes combatê-lo pelo ridículo.

Depois muita água correu por debaixo das pontes, e o A. resolveu reeditar, desta vez em opúsculo, esses belos artigos em que se sente bem o seu entusiasmo e a sua devoção pelo Movimento que acabou por vencer todos os *handicaps* externos.

Sendo destinada a leigos, é aconselhável aos próprios Chefes escoteiros, que nestas breves 20 e poucas páginas muito têm que pode levá-los a meditar e até a fazer um severo exame de consciência, porque parece que há quem tenha esquecido que, com ser um «jogo», o Escotismo é acima de tudo um método de educação, completíssimo sistema de educação integral, e não só isso mas «a mais bela e mais completa das exemplificações e aplicações do conceito moderno de educação» (pág. 19).

É, portanto, de recomendar, repito, a sua leitura, em particular aos Escoteiros Chefes, que ali também encontrarão uma lista desenvolvida de numerosas obras de diversos autores acerca do Escotismo e dos seus métodos.

Embora escrito há mais de quatro décadas, não perderam estes artigos a sua actualidade, pelo que bem fez o A. trazendo-os novamente à luz da publicidade, o que todos devemos agradecer-lhe.

O RATO SÁBIO

UMA FORÇA DESTRUIDORA DAS REUNIÕES DE HOJE EM DIA

World Scouting Newsletter publica um excerto da edição de Robert Letwin «*Successful Meetings*», que bem merece alguma meditação. Eis o referido trecho:

«Sem dúvida alguma que os «precedentes» constituem hoje a melhor força de destruição das reuniões. Eles acabam por matar as associações que preparam cegamente a sua próxima conferência, decalcada sobre o modelo das precedentes (que até nem foram boas, mesmo que nelas tenham comparecido participantes).

Actualmente, as pessoas dão uma certa atenção à forma como gastam o seu tempo e dinheiro, pelo que numerosos participantes em potência não irão a uma reunião que não lhes garanta uma ajuda eficaz, ideias originais, conselhos, novas aptidões ou uma sólida reflexão.

Deveríamos olhar com desconfiança todo o projecto de reunião que se assemelha à do ano anterior ou à de há dois anos. Hoje não é exactamente o mesmo que ontem ou anteontem. As reuniões devem, pois, ser diferentes, verdadeiramente diferentes».

31.º Aniversário de «Sempre Pronto»

Uma saudação do nosso delegado nos Açores

Por ocasião da passagem do aniversário do nosso jornal, o Dirigente sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, nosso dedicado colaborador desde a primeira hora, enviou-nos o seguinte telegrama:

Ao decorrer trigésimo primeiro aniversário nosso jornal com expressão sinceras congratulações pela jubilosa efeméride vai um abraço para quantos denodadamente trabalham para que «Sempre Pronto» continue sua elevada missão em prol do Escotismo em Portugal.

Jacinto Moniz Silva
Delegado nos Açores

NOVOS GRUPOS DE ESCOTEIROS

Foram filiados na AEP novos grupos de escoteiros.

Além do novo grupo formado em Lamego, de cujo aparecimento já fizemos menção noutro lugar, foi filiado o de Braga, que ficou com o n.º 53 e ao qual também já nos referimos na nossa última edição. Tem a sede na freguesia de Real, do concelho de Braga, na Rua Costa Gomes, 32-2.º andar.

PANORAMA DO XVIII JAMBORI NO AR

Continuação da pág. 11

A rádio e o escotismo

Reuniões de lobitos através da rádio

Os rapazes das regiões do interior do oeste da Austrália não desistem de fazer escotismo, embora as suas famílias estejam dispersas por essa vasta região.

Assim, todas as tardes, seis lobitos *reúnem-se*, apesar de se encontrarem a cerca de 450 km. da sua Aquelá, a sr.ª L. Turner. Como? *Reúnem-se*, graças à rede de rádio do Kalgoorlie Royal Flying Doctor. Os lobitos, de uniforme, respondem à chamada da sr.ª Turner e então a *reunião* começa.

Ao longo de seis anos, numerosos rapazes obtiveram as insignias de lobitos e são presentemente escoteiros.

Quando as suas famílias se deslocam a Kalgoorlie, os lobitos vão de facto visitar a sua Aquelá.

Todos eles são alunos da escola de aviação.

Os escoteiros dos Barbados criaram a Divisão da Rádio

Entusiasmados com o êxito alcançado pelos Jamboris no Ar, os escoteiros dos Barbados acabam de criar a Divisão da Rádio.

Esta divisão possui um local próprio nas instalações da sede da Associação Escotista, equipada com uma completa aparelhagem de radioamador.

Todos os sábados, há sessões de formação e dois escoteiros já conseguiram entretanto obter os seus diplomas de radioamador.

Este equipamento está integrado no plano governamental de intervenção em caso de cataclismo.

«The Scout Association» deixa a sua sede em Buckingham Palace Road

The Scout Association, que estava instalada no n.º 25 de Buckingham Palace Road, em Londres, abandonou esse edifício.

As portas foram encerradas em Dezembro último, depois de certos departamentos terem sido transferidos para Gilwell Park e Lancing, no Sussex.

Outros departamentos têm agora as suas instalações próximo da Casa de Baden-Powell, em Cromwell Road, na capital britânica, casa em que foram acolhidos provisoriamente os departamentos que permanecem em Londres, visto que a mudança está planificada para abranger dois anos. Só o principal armazém escotista londrino ficará na sua antiga localização.

Os novos números de telefone e endereços serão oportunamente comunicados.

LIX Poemeto filatélico

Diante dum novo selo com que o novo Portugal saúda a União Postal Universal.

Voa a pomba pelo ar
num ambiente de anil
para ao mundo anunciar
o Vinte-e-cinco de Abril.

Voam pedras pelo ar?
Isso não é português!
É traição ao Nosso-Lar
e fruto de estupidez.

O escoteiro sabe os nós
que servem para ligar.
As pedras são para nós
os meios de edificar!

EDUARDO MOREIRA

Os escoteiros acorrem às vítimas do terramoto de Guatemala

A Associação dos Escoteiros de Guatemala mobilizou mais de dois mil escoteiros para cooperarem com a Cruz Vermelha e as Forças Armadas na prestação de serviços de emergência e de socorro às vítimas do terramoto que assolou aquele país.

A União dos Escoteiros do Brasil solicitou a colaboração de todos os escoteiros brasileiros para as campanhas de angariação de auxílio ao povo guatemalteco através de dávidas de plasma, antibióticos, material de primeiros socorros, roupas e alimentos enlatados.

DOS AMIGOS DE «SEMPRE PRONTO»

Doentes

Tem estado em Coimbra, onde foi submetido a tratamento médico especial, o nosso estimado assinante sr. Vítor Mateus, antigo escoteiro do Grupo n.º 94.

Também o nosso prezado amigo, assinante e dirigente associativo sr. Henrique Alves de Azevedo tem estado doente.

Fazemos votos por rápidas e completas melhoras destes estimados amigos.

PEDAGOGOS PORTUGUESES OPINAM SOBRE ESCOTISMO

Álvaro Viana de Lemos

(Professor da Escola Normal de Coimbra-1926)

«Apelando para os deveres e linha de conduta a que o Escotismo obriga os seus membros, conseguirá o professor dos seus alunos que forem escoteiros, e dos outros, pelo exemplo dos primeiros, uma aplicação escolar e um comportamento muito superior aos usuais.

«Como ninguém, pode o professor auxiliar a difusão do Escotismo; já pela sua preparação pedagógica, já pela sua experiência na prática do ensino e educação pode o professor compenetrar-se bem do valor e utilidade do Escotismo».

(«O ESCOTISMO-método educativo»)

OFERTAS DE LITERATURA A «SEMPRE PRONTO»

O nosso ilustre colaborador Rev. Eduardo Moreira teve a gentileza de oferecer, para venda a favor de «Sempre Pronto», 15 exemplares da obra de sua autoria «Considerações sobre Revolução e Reforma em Portugal e no Mundo».

Também o nosso amigo sr. José Ilídio Freire teve a amabilidade de nos oferecer para o mesmo fim 6 exemplares da obra de sua edição «As Três Razões Fundamentais da Reforma», de G. Wisse, antigo catedrático de Teologia.

Agradecemos reconhecidos as valiosas ofertas.

Professor Leopoldino da Rocha Tavares

Esteve em Lisboa a participar no curso de reciclagem do MEIC, o nosso estimado amigo e companheiro sr. professor Leopoldino da Rocha Tavares, que nos deu a grata oportunidade de o abraçar por ocasião de uma visita que nos fez, tendo-nos trazido saudações do Escoteiro-Chefe Moniz Silva.

O professor Tavares é dedicado dirigente ajudante do Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal, em Angra do Heroísmo, e um grande amigo do nosso «Sempre Pronto».

Não invejes os que te são superiores, porque estes têm responsabilidades que tu ignoras.

António Feliciano de Castilho



Por motivo de um grande acampamento internacional, BARBADOS projecta emitir um selo

No próximo mês de Agosto, vai realizar-se nos Barbados (país que ocupa uma ilha das Pequenas Antilhas) o 1.º *Cuboree* das Caraíbas, em que se espera estejam presentes cerca de 1000 lobitos provenientes de todas as ilhas das Caraíbas.

A propósito desse acontecimento, o governo dos Barbados com a intenção de emitir um selo comemorativo não só do acampamento, mas também do 60.º aniversário do Lobitismo.

Na Itália, está a ser publicado um curioso catálogo de selos escotistas

Em colaboração com a *Federazione Esploratori Italiani*, o Dr. Walfredo Bellioni acaba de publicar o 2.º volume de um catálogo de selos escotistas. Este volume abrange todo o continente americano.

O 1.º volume diz respeito à Europa e à Oceânia.

Estes livros, de grande interesse, oferecem um breve resumo histórico de cada país, assim como a bandeira e mapa. Todos os selos comemorativos do escotismo e do guidismo emitidos pelo país até 1974 são reproduzidos nas suas cores. Os países onde o escotismo não é praticado são igualmente referenciados.

O volume I custa 4 US dólares e o volume II 8 US dólares (ou equivalente noutras moedas), porte pago.

As encomendas podem ser dirigidas a *«SCAUTISMO», Catalogo Francobolli, Dept. WS, Via dei Gracchi 116,—00192 Roma*, acompanhadas do respectivo cheque.

LAMEGO

TEM UM GRUPO DE ESCOTEIROS DE PORTUGAL

A Direcção da AEP filiou recentemente uma nova unidade dos Escoteiros de Portugal com sede na cidade de Lamego, na rua Visconde do Arneiriz, Casa do Montepio, que recebeu o n.º 49.

O novo grupo de escoteiros oferece boas perspectivas de trabalho, tendo cooperado na sua organização o dirigente Bondoso Nunes, do Grupo 46, de Moimenta da Beira.

À nova unidade, «Sempre Pronto» apresenta os votos de muitos êxitos na obra educativa da juventude.



Afeganistão

Mais de 400 escoteiros e caminheiros frequentaram o estágio de auxiliares de condução de tráfego. Agora estão garantindo a segurança das crianças das escolas nas passagens de peões e, por ocasião de desfiles, e outras actividades na via pública, peregrinações, etc., os seus serviços são devidamente tidos em conta. Actualmente, em face de acontecimentos fora do normal, quer a nível local, quer a nível regional ou nacional, os escoteiros e as guias reforçam os serviços públicos e organizam centros de informações, de primeiros socorros, de acolhimento para crianças perdidas ou postos de objectos perdidos. Os escoteiros colaboram igualmente com outros organismos por ocasião de campanhas de higiene e de operações sanitárias, campanhas de alfabetização ou de recolha de fundos.

Etiópia

Os escoteiros têm acorrido às zonas afectadas pela seca. Organizaram listas de nomes de refugiados e recolheram outros informes, além de que também colaboraram na procura de abrigos, de socorros e doutros cuidados. Em Wollo, um grupo de 53 escoteiros e 5 chefes registaram 264 000 vítimas da seca e organizaram a distribuição de alimentos para cerca de metade deles. Outro grupo de 29 escoteiros, 5 guias e 3 chefes distribuíram 55 750 Kg de legumes, de leite em pó e de alimentos para bebés, durante 18 dias de serviço.

Grã-Bretanha

A 22.ª alcateia de lobitos de Streatapm gravou 17 das suas canções favoritas num estúdio local de rádio e publicou um disco LP. A edição, que foi de 500 discos, custou-lhe £220, a qual foi vendida, depois às suas famílias e pessoas amigas do movimento.

Estados Unidos da América

Uma nova insígnia de capacidade, a 121.ª da série, acaba de ser anunciada. Trata-se da insígnia do «consumidor prudente». Os requisitos para a sua obtenção foram estabelecidos por peritos e pessoas com longa experiência no assunto, para o que tiveram em vista uma forma actualizada de responder à Lei escotista que diz que *«o escoteiro é económico»*. Para alcançar a insígnia, os escoteiros têm de comparar os preços dos produtos em diversos armazéns e de organizar uma colecção de anúncios e pronunciarem-se sobre se eles são são honestos ou não. Aprendem também como fazer para comprar um automóvel usado, o custo da manutenção de modelos diferentes. Devem também conhecer as condições oferecidas pelos bancos e outros estabelecimentos para a concessão de créditos. Têm de estar ao corrente dos movimentos de consumidores e de quais são as forças que actuam contra ou a favor do consumidor.

Japão

Apesar de este país ser formado por numerosas ilhas, os escoteiros japoneses não possuíam qualquer grupo de escoteiros marítimos. Desejosos de preencher essa lacuna, designaram o chefe de um grupo de Cobe, marinheiro experimentado, para se deslocar à Austrália e à Nova Zelândia, para aí estudar a organização dos grupos de escoteiros marítimos. O referido chefe, Yoshiki Yao, no regresso ao seu país, pôde içar a bandeira azul, emblema dos escoteiros marítimos de Nishinoyma, visto a associação nipónica já ter constituído a sua divisão marítima.

Ilha da Ascensão

Os escoteiros desta ilha, isolada no meio do Atlântico, que foi descoberta em 1501 pelo navegador galego João da Nova, ao serviço de Portugal, têm um moderno programa como talvez não o tenha qualquer outro grupo dó escoteiros. Metade dos lobitos obtiveram a insígnia mundial para a protecção do ambiente que foi recentemente aprovada. Os requisitos desta insígnia evidentemente que foram adaptados às condições muito particulares da ilha. Por exemplo, «limpar um pântano» foi substituído por «limpar um caminho». Contudo, «conhecer quais são as espécies animais em perigo de extinção» não traz qualquer problema, visto que a ilha é o domínio da tartaruga verde, animal em vias de desaparecimento. Os lobitos passaram muitas noites nas praias onde as tartarugas vêm por os ovos, ajudando os naturalistas a fixar etiquetas na carapaça desses animais, o que permitirá conhecer melhor as suas migrações.

Panamá

No distrito de Minas, região montanhosa, os habitantes sofrem de desemprego crónico. Os escoteiros do grupo 67 decidiram lançar uma campanha de criação de frangos, com o fim de melhorar a nutrição daquelas pessoas e de arranjar recursos financeiros para a comunidade. A campanha começou com fundos limitados, sem a assistência de peritos, pelo que a maior parte das crias morreu. Foi pedido o concurso do Governo, o qual facultou especialistas que, ao longo de seis meses, deram cursos de agricultura durante algumas horas por dia. O Ministério da Agricultura concedeu ainda um empréstimo para a compra de pintos, alimentação e medicamentos. Dos 1018 pintainhos da primeira remessa, só 56 morreram. Em dois meses, os frangos atingiram o peso de dois quilogramas e foram vendidos, a fim de ser paga uma parte do empréstimo. Graças a um novo empréstimo do Governo, foram adquiridos 11 hectares de terreno, o que permitiu uma ampliação do aviário. Um sistema de irrigação permite agora produzir os alimentos necessários e a criação de 4000 frangos.

Dinamarca

Há três anos, uma velha casa do centro de formação de Hylkedam, na ilha de Funen, foi destruída por um incêndio, o que limitou a utilização do local apenas a um campismo primitivo. A associação das guias e escoteiros dinamarqueses construiu agora e abriu o «Hylkedam», um edifício de duas alas, moderno, que pode alojar 60 pessoas. Foi especialmente concebido para os diminuídos fisicamente, pelo que o acesso é fácil e as protas são largas e sem soleiras.

Evocações serôdias

Cai a neve, pura e bela,
Numa toada subtil:
são os flocos na janela
do Poeta Augusto Gil.

No carro, gentil boieira
leva o velho castanheiro:
pra crepitar na lareira
do Vate Guerra Junqueiro.

Faz «casacas» do madeiro
que pobres e ricos cobre,
o vizinho carpinteiro
do Poeta António Nobre.

Em dias tremendo, quando
a tempestade reboa,
vejo o mostrengo, fitando
o nosso aedo Pessoa.

No mar ruge o Adamastor
(quem há que o vê e não trema!)
Do nosso maior Cantor
quase destrói o Poema.

Camões e Pessoa e Gil!
Da poesia na senda,
agora cantam, aos mil...
mas não há quem os entenda!

EDUARDO MOREIRA

O Escotismo na Madeira

Grupo n.º 24

Encontra-se em grande actividade a equipa «Baden-Powell» do Grupo de Escoteiros de Portugal, com sede no Funchal. O «Jornal da Madeira» iniciou no dia 26 de Fevereiro passado a publicação de uma página de Escotismo, que aparecerá naquele diário quinzenalmente, e será coordenado por aquela Equipa, embora inclua material das duas associações escoteiras. O primeiro número desta página apresenta colaboração e noticiário de muito interesse.

Desejamos grande êxito à iniciativa.

OS ESCOTEIROS DE PORTUGAL REPRENSAM OS PRINCÍPIOS

Perguntas «im-pertinentes»

1 — Uma Promessa nova para ateu — «escotismo ateu», e outra(s) para crentes — «escotismo religioso»?
Porque não, lealmente, *suprimir* a Promessa e quiçá o Escotismo fundado por B.-P.?

2 — Sabes o que é a *identidade*, a personalidade duma entidade moral, duma instituição como o Escotismo?

3 — Sabes que o Escotismo se *fundamenta simultaneamente* na tríplice dimensão: atenção à transcendência, no respeito por si e na dedicação aos outros? E que o *ser ético* do escotismo, depende da qualidade dessa relação?

4 — Sabes o que representa a Promessa e a Lei para a *vivência* e a *unidade* da Família Escotista, na sua variedade ecuménica e universal?

5 — Sabes que suprimidos um ou vários elementos essenciais duma formulação correcta, altera-se o sentido autêntico e passa a significar outra coisa ou fica mesmo sem sentido? E se essa afirmação exprimia a *finalidade e os meios* que a ela conduzem, o que resultará?

6 — Sabes que a *Tradição viva* implica que os valores essenciais históricos, continuam actuando no presente e enriquecidos pela actual vivência, são transmitidos às gerações que nos sucedem?

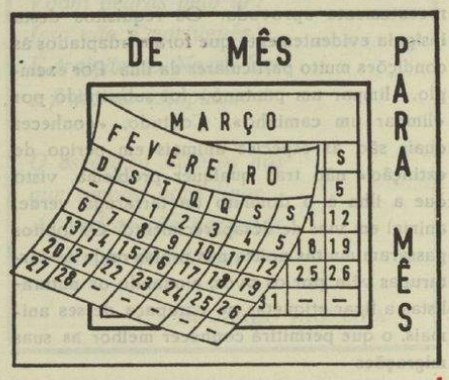
7 — Sabes que o Escotismo é um movimento, entre muitos outros, a que se adere *livremente?* Que a Promessa só se faz após conhecimento profundo do conteúdo do compromisso? Sabes que a tolerância e o respeito pelos outros e a amizade, qualquer que seja a sua crença, faz parte do ideário da mensagem escotista?

8 — Sabes que há organizações em que para aderir, a atitude agnóstica ou ateia expressa é requerida? Mas que só adere quem quer?

9 — Sabes que «duas» promessas substancialmente diferentes não exprimem objectivamente o mesmo ideal? Que, se há conteúdos diferentes, há promessas diferentes? Qual a que *corresponde à intencionalidade* de B.-P.?

10 — Sabes que o Escotismo *provou* que é capaz de promover eficazmente a maturidade humana e a fraternidade universal? Sabes como?

PR. BERNARDO, O. P.



ACUSAÇÃO OU APELO?



No «Jornal do Barreiro», alguém que parece esconder-se sob o pseudónimo de Rotty, falando de grupos de juventude, afirma que as organizações juvenis existentes no nosso país, como as Guias de Portugal, Associação dos Escoteiros de Portugal e Corpo Nacional de Escutas, pouco ou nada se têm esforçado para proteger a juventude de menos de 15 anos. E diz textualmente: «Até quando continuaremos neste dilema? Será que o direito ao convívio escotista é apenas para jovens meio adultos e para alguns privilegiados? Vamos, chefes, é tempo de se trabalhar a sério, venham para a rua, façam a expansão do Escotismo, dêem a conhecer aos que não o conhecem, dêem as mãos a quem as tem fechadas». (...)

«Agora não há mais o receio de enfrentar a Mocidade Portuguesa que fazia da nossa juventude uma mocidade idêntica à hitleriana. Tendes o campo livre para vos expandirdes...»

E a acusação, talvez o apelo, prossegue em termos semelhantes. Registam-se, portanto, acusações: As associações escoteiras não se esforçam; os grupos de escoteiros são privilégio de uns poucos jovens meio adultos; não se trabalha a sério; não se vem para a rua; não se dá as mãos...

As acusações são graves. Será que Rotty tem razão?

OS ESCUTAS DE CORUCHE PROMOVEM

O 4.º ENCONTRO DA FRATERNIDADE ESCOTISTA

O Agrupamenro 119 do C. N. E., com sede em Coruche, organiza um novo Encontro de Fraternidade, que se realizará de 23 a 29 de Agosto próximo, na mata de Agolada de Cima, perto da estação de Agolada e a 6 km da vila onde tem a sua sede.

Os Escutas convidam para esta actividade todas as unidades escoteiras e guidistas das três associações nacionais. É assim que os rapazes de Coruche lançam o seu apelo e convite:

«Nós somos cerca de uma centena de elementos. Para nós, somos muitos para outros, talvez sejamos poucos, mas, enfim, somos o que somos».

«Desde há muito que vimos sonhando com um Encontro de Fraternidade Escotista, diferente daqueles que temos efectuado anteriormente. Será um acampamento no próximo Verão, a nível nacional. Visionamos um encontro vivido em amizade escoteira, tal como é próprio do verdadeiro escuta, que se orgulha de si próprio e do Movimento a que pertence».

«O 4.º Encontro, embora seja nma actividade do Agrupamento 119, está aberto a todos os membros do nosso Movimento e para ele são convidados TODOS os Agrupamentos, Grupos e Companhias do C. N. E., A. E. P. e Guias de Portugal».

O Agrupamento está empenhado na organização de um grande acampamento e agradece a todas as unidades que queiram estabelecer contacto com vista a prestar todos os esclarecimentos. A sede do Agrupamento é no Largo de S. Pedro, Coruche.

Este Agrupamento teve uma brilhante intervenção no último Jambori no Ar. Merece que o distingamos com o nosso entusiasmo.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Circulo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
Armando Inácio

Equipa de Administração:
Capitolino Ferreira Macedo
Ernesto Clímaco do Nascimento
Luís Garcia

Número avulso duplo: 10$00 — Assinatura anual: 60$00